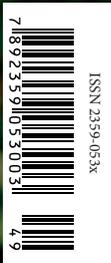


ANO 9 - NÚMERO 114 - ABRIL 2024

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 abr a 14 mai/24



O FIM DO MUNDO ADIADO: AILTON KRENAK IMORTAL

p. 08

CONSCIÊNCIA NEGRA

Marielle Franco: Quem matou. Quem mandou matar. E por quê.
p. 20

MEIO AMBIENTE

Ambiente favorável aos bióinsumos no Brasil
p. 36

UNIVERSO FEMININO

Inês Etienne Romeu: a única sobrevivente da "Casa da Morte"
p. 48



JUNTOS
A GENTE FAZ
O FUTURO BRILHAR



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Sua solidariedade muda vidas de crianças, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade!

Ajude os 27 projetos
de educação, segurança
alimentar e inclusão
produtiva.

Conheça a campanha
e faça sua doação!

Aponte a
câmera do seu
celular para
o QR Code e
acesse o site



www.fenae.org.br/futurobrilhar

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agonizado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da Xapuri, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da Xapuri 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

O FIM DO MUNDO ADIADO: AILTON KRENAK IMORTAL

Por fim, um Abril Indígena com uma pauta menos sofrida. No dia 5, Ailton Krenak tornou-se o primeiro indígena a tomar posse na Academia Brasileira de Letras. Com muito orgulho, nossa matéria de capa da X114 é dedicada a contar um pouco da história do imortal Ailton Krenak, nosso companheiro, amigo, e conselheiro da *Revista Xapuri*.

“Será que nessa cadeira cabem 300? Como dizia Mário de Andrade, eu sou 300. Olha que pretensão. Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar mais do que 300. Nesse caso, 305 povos que, [nesses últimos] anos do nosso país, passaram a ter a disposição de dizer: ‘Eu estou aqui’. Sou Guarani. Sou Xavante. Sou Kayapó. Sou Yanomami. Sou Terena”, tascou o imortal em seu discurso para uma plateia coalhada de parentes indígenas, amizades e autoridades.

Chegou, no dizer da acadêmica Heloisa Teixeira, o imortal “capaz de dar um nó na Academia”. Que assim seja!

Também nesta edição, relatamos, em matéria da Fetec-CUT Centro Norte, o pedido de perdão histórico do Estado brasileiro aos povos indígenas Krenak e Guarani-Kaiowá por crimes contra eles cometidos durante a ditadura. Estamos, de certa forma, com Ailton Krenak, que vê esse tipo de perdão como um ato gentil, mas sem efeito prático. Mas pensamos que, ainda que simbólicos, gestos como esse servem para nos fazer lutar para que um golpe militar nunca mais aconteça, que uma ditadura não venha nunca mais.

Ainda no tema do mês, o Abril Indígena, trazemos uma narrativa de Ailton sobre o significado da palavra Krenak, uma matéria sobre o mercúrio na Terra Yanomami e uma memória de Ari-Uru-Eu-Wau-Wau, o jovem líder indígena assassinado em abril de 2020.

E tem mais, muito mais, mas aí você vai precisar abrir a Revista pra saber.

Bom proveito. Boa leitura!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - ABRIL

Ailton Krenak – Escritor. **Alberto Cantalice** – Jornalista. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Eduardo Araújo de Souza** – Sindicalista. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Emir Sader** – Sociólogo. **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Janaina Mathias Guilherme** – Advogada. **José Bessa Freire** – Escritor. **João Marcelo Abbud** – Jornalista. **Leanderson Lima** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Maria Francisca da Silva Santos** – Fotojornalista. **Rosilene Corrêa** – Professora. **Trajano Jardim** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Paulo Valério Silva Lima** - Professor. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Trajano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista.
Eduardo Pereira - Produtor Cultural.
Iolanda Rocha - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD. **Rafael Oliveira** - Membro do Conselho Gestor.



- 08** **CAPA**
O fim do mundo adiado:
Ailton Krenak imortal
- 15** **NARRATIVA KRENAK**
Cabeça na terra
- 18** **CONJUNTURA**
A mácula na história brasileira
- 19** **CONJUNTURA**
Esfera pública e
democratização do Estado
- 20** **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Marielle Franco: Quem matou.
Quem mandou matar. E por quê.
- 22** **CERRADO**
Ideias para uma história

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

- 24** **HISTÓRIA SOCIAL**
Daquele 1º de abril que
eu vivi nada mudou
- 25** **FOTOGEOGRAFIA**
Indiferença aparente
- 26** **AMAZÔNIA**
Era uma vez...
um curumin que sonhava
- 27** **DEMOCRACIA**
Reformar as Forças Armadas
- 28** **EDUCAÇÃO**
A herança nefasta da ditadura
militar na Educação brasileira
- 30** **SAGRADO INDÍGENA**
Estudo revela contaminação
por mercúrio em indígenas
e peixes na terra Yanomami
- 32** **LITERATURA**
Na Torre das Donzelas,
a resistência à ditadura
- 36** **MEIO AMBIENTE**
Ambiente favorável aos
bioinsumos no Brasil
- 40** **SAÚDE**
A precificação da vida humana:
por que alguns medicamentos
estão no rol da ANS, mas não
foram incorporados ao SUS?
- 42** **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Justiça para
ARI-URU-EU-WAU-WAU!
- 45** **NARRATIVA KRENAK**
A loca de pedra
- 46** **SUSTENTABILIDADE**
Para onde estamos indo?
- 48** **UNIVERSO FEMININO**
Inês Etienne Romeu: única
sobrevivente da “Casa da Morte”

O FIM DO MUNDO ADIADO: AILTON KRENAK IMORTAL

Zezé Weiss



No dia 5 de abril deste ano da graça de 2024, um sábio tornou-se o mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Mineiro de Itabirinha, ele nasceu em 1953 no território original Krenak, na região do Médio Rio Doce, massacrado rio que seu povo chama de “Watu” (avô). Morador da comunidade indígena Krenak, no município de Resplendor, no estado de Minas Gerais, Ailton Alves Lacerda Krenak é agora o ocupante da cadeira nº 5 da ABL.

Por volta de 1920, a exploração branca resolveu ocupar as terras onde viviam os Krenak, nas montanhas das Gerais. Chegou trazendo doenças infecciosas, violências e massacres. O povo Krenak, que tinha uma população estimada em mais de cinco mil pessoas, foi-se reduzindo, se dispersando, se dizimando.

Ailton já nasceu tendo que enfrentar essa onda contínua de exploração. Com fazendas isolando com cercas de arame os territórios onde se moviam livres sua família e seus parentes todos. Sem chance de defesa, as famílias de seu povo, inclusive sua própria família, não tiveram outra saída: fugiram da aldeia para a floresta.

Não demorou muito para o que flagelo chegasse também à floresta. Vieram o desmatamento, o tombo das árvores, fonte de sombra e alimento, o ronco dos caminhões puxando a madeira cortada, a pata da vaca massacrando o solo, o fim da caça, a dor da fome, o caminho da estrada. De fuga em fuga, o menino Krenak foi perdendo seu bem mais precioso: a língua original.

Quando Ailton tinha 17 anos, toda a família mudou-se para São Paulo. De um barraco erguido à beira da estrada, ganhavam o pão de cada dia como diaristas, carregando caminhões de cimento. Quando a grana não dava, complementavam a renda da família trabalhando como ambulantes.

Dois anos depois, o jovem Krenak vomitou sangue. Teve que ser internado, tinha úlcera gástrica. Fim de linha. Aquela vida não era para um jovem indígena, nascido livre. Em pânico ante as condições de trabalho e as relações humanas daquela civilização insana, Ailton tomou destino. Resolveu estudar, encontrar outro caminho. Deu no que deu: virou imortal da Academia Brasileira de Letras.

REZA A LENDA

A ABL abriu os olhos quando convidou, em 2019, os Guarani-Mbyá do Rio de Janeiro, recebidos com discurso de boas-vindas em língua Guarani por seu então presidente, Marco Lucchesi. O coral de crianças Guarani cantou aos pés de Machado de Assis, sob os aplausos

de Evanildo Bechara – o *Cacique do Lácio*. A literatura indígena, que permanecia invisível, começou a emergir, com a apropriação da língua portuguesa e o domínio da escrita por autores indígenas, alguns deles bilíngues.

Depois da abertura de portas pelos Guarani surge, em 2021, a primeira candidatura indígena de Daniel Munduruku, que não conseguiu os votos para ingressar na ABL. Uma vaga só é aberta com a morte de um dos 40 acadêmicos imortais. A vaga para a eleição de Krenak foi aberta com o falecimento do cientista político e historiador José Murilo de Carvalho, em 13 de agosto de 2023. Sua cadeira nº 5 é a ocupada hoje por Ailton Krenak, que disputou com concorrentes como a historiadora Mary del Priore (12 votos) e o grande escritor indígena Daniel Munduruku (4 votos), o que dá a dimensão da qualidade da disputa.

O que mudou para que a Academia receba um autor indígena e reconheça sua obra? Como em outras instituições, a ABL, na seleção de seus membros, está condicionada à conjuntura política, social e ideológica. Na época da ditadura, reza a lenda que Pedro Calmon, titular da cadeira nº 16 e ex-reitor da UFRJ, convidou o marechal Castelo Branco a Ose candidatar à ABL. O ditador de turno, criador do Serviço Nacional de Informação (SNI), objetou:

– Mas não tem nenhuma vaga aberta.

– Por isso não. Eu lhe cedo a minha, marechal – disse o saudoso ex-professor de direito constitucional, competente e amável, mas tão subserviente ao poder constituído, que esta “lenda” corria dentro da sala de aula da Faculdade Nacional de Direito. Para isso, as “lendas” rezam.

Pedro Calmon continuou vivo, vivíssimo, por mais vinte anos. Quem morreu logo depois foi o marechal, num acidente aéreo, em 1967. Sua prometida e sonhada vaga foi herdada pelo general Aurélio Lira Tavares, eleito em 1970 para a Cadeira nº 20, logo após governar o Brasil como membro da Junta Militar. Qual a sua obra? O AI-5 que assinou. Cassou mandatos, fechou o Congresso Nacional, reprimiu a UNE e os sindicatos e censurou jornais, livros, revistas, peças de teatro e letras de música.

Lira Tavares se dizia poeta por haver cometido em sua juventude poemas publicados em jornais da Paraíba, sua terra natal, com o pseudônimo de Adelita, composto com as iniciais de seu nome. Quando embaixador do Brasil em Paris (1970-74), tentou convencer a *Académie Française* a traduzir sua obra, sem sucesso.

Felizmente o fim deste mundo, embora adiado por mais de vinte anos, se concretizou. A história da ABL mostrou sua outra face e pôde se arejar

“Será que nessa cadeira cabem 300? Como dizia Mario de Andrade, eu sou 300. Olha que pretensão. Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar mais do que 300. Nesse caso, 305 povos que, [nesses últimos] anos do nosso país, passaram a ter a disposição de dizer: ‘Eu estou aqui.’ Sou Guarani. Sou Xavante. Sou Kayapó. Sou Yanomami. Sou Terena.”

Ailton Krenak – Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Abril/2024.

nos novos tempos com Ana Maria Machado, Cacá Diegues, Eduardo Giannetti, Fernanda Montenegro, Gilberto Gil, Lilia Schwartz, Marco Lucchesi, Rosiska de Oliveira, e tantas outras inteligências que honram a memória de Machado de Assis. O pássaro que pousou em silêncio voltou aos céus sem deixar rastros. Milicos, nunca mais!

A escolha do Burum Krenak para ocupar uma cadeira no *Petit Trianon* deu-se no contexto da criação do Ministério dos Povos Indígenas, dirigido por Sônia Guajajara, uma mulher indígena, assim como do fortalecimento da luta indígena organizada, não de hoje, mas há décadas, para a qual muito contribuiu o novo acadêmico, ambientalista e líder indígena, que participou da criação da União dos Povos Indígenas, em 1988 e, junto com Chico Mendes, da Aliança dos Povos da Floresta, em 1989.

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

Ailton tinha 26 anos quando, em 1979, fundou a União das Nações Indígenas (UNI) junto com outras jovens lideranças indígenas. Nos anos seguintes, viajou mais de 8 mil quilômetros – a pé, de canoa, de ônibus, de charrete, de carro de boi – para levar a UNI a comunidades indígenas de norte a sul do país.

A UNI chegou a ter dezenas de grandes líderes nacionais e mais de mil membros ativos. Depois, parte das lideranças, ligadas à Igreja, decidiram assumir a liderança da UNI. Em 1989, depois de uma longa luta no Congresso Nacional contra a construção da hidrelétrica de Altamira, Ailton e outras grandes lideranças fundamentais na organização do movimento indígena resolveram deixar a UNI.

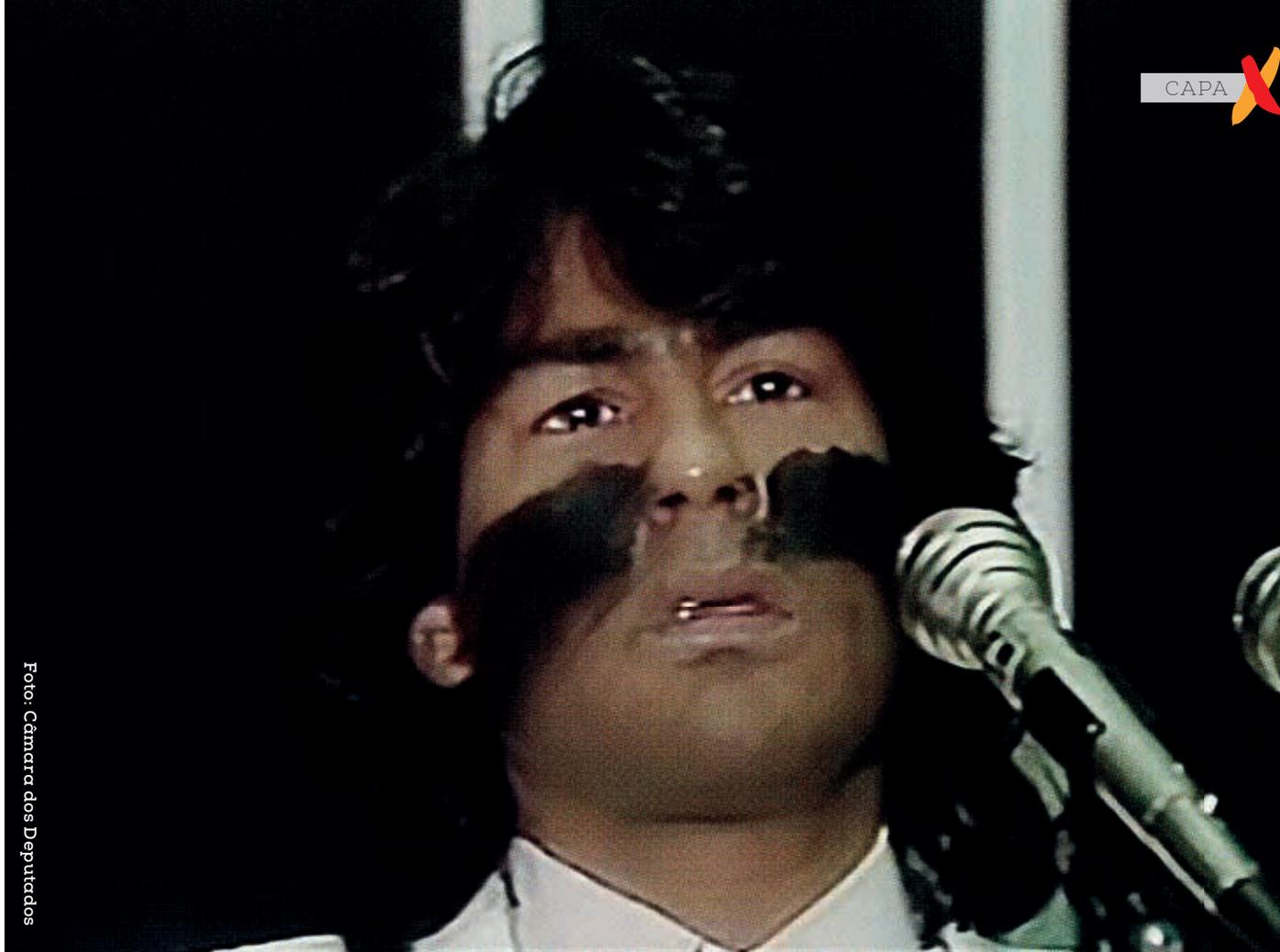
Mas Ailton já vinha trilhando outras picadas, perseguindo outras utopias. Do encontro político com Chico Mendes, veio a coragem de lutar para unir indígenas e seringueiros/as em uma só frente, em defesa da Amazônia e dos povos da Floresta. Os dois trabalharam muito nessa ideia, moveram montanhas e rios, colocaram na mesma canoa indígenas e extrativistas.

Chico Mendes foi assassinado em 22 de dezembro de 1988, no quintal de sua casinha azul e rosa, na cidade acreana de Xapuri. Em março de 1989, a Aliança dos Povos da Floresta foi fundada em Rio Branco, no Acre, sob a liderança e com a presença de Ailton Krenak.

A Aliança dos Povos da Floresta teve e tem, até os dias de hoje, papel relevante na defesa das Terras Indígenas e das Reservas Extrativistas, um modelo de reforma agrária ecológica para



Foto: Acervo IEA



a Amazônia, desenvolvido pelas lideranças extrativistas do Vale do Acre, com base no cuidado dos povos indígenas com seus territórios.

Depois de muitas andanças, Krenak voltou para Minas Gerais, onde passou a se dedicar ao Núcleo de Cultura Indígena. Desde 1998, o NCI realiza, na região da Serra do Cipó, em Minas Gerais, o Festival de Dança e Cultura Indígena, promovendo a integração entre populações indígenas dos mais diferentes cantos do Brasil.

Inquieto, o imortal Krenak segue na militância em defesa dos povos indígenas e do meio ambiente. É coautor da proposta da UNESCO que criou a Reserva de Biosfera da Serra do Espinhaço, em 2005, e que ele assim define:

Sempre que abrimos uma narrativa sobre algum lugar ou paisagem natural, temos a tentação de iniciar pela medida do tempo dos homens, nosso tempo de vida ou de algumas gerações. Entretanto, alguns luga-

res do mundo nos obrigam a uma mirada mais distante para que ao menos parte desta grandeza e maravilha possa ter mais significado. A Serra do Espinhaço reivindica uma história assim, de bilhões de anos, de eras geológicas, quando a Terra ainda estava em movimentos fantásticos, juntamente com outras regiões do planeta, transformando suas estruturas, formando todas as terras e criando as formações que hoje conhecemos como relevos, serras, montanhas, vales, com seus mares internos e cumes das grandes cordilheiras.

Uma incrível matéria com plasticidade inimaginável para desenharem continentes inteiros...

"CARA PINTADA" NA CONSTITUINTE

A eleição do Burum Ailton Krenak para a ABL, em 5 de outubro de 2023, coincidiu com o aniversário de 35 anos da "Constituição Cidadã", promulgada em 5 de outubro de 1988.

Durante a Assembleia Nacional Constituinte, instalada no Congresso Nacional, no dia 1º de fevereiro de 1987, com a missão de elaborar – e votar – uma nova Constituição para o Brasil, a participação do movimento indígena e, em especial, do jovem líder Krenak, foi fundamental para a inclusão do Capítulo "Dos Índios" – artigos 231 e 232, no texto final da Constituição.

Em 4 de setembro de 1987, Ailton Krenak fez história na tribuna da Assembleia Nacional Constituinte, onde não era comum "índio" discursar. Krenak ocupou a tribuna. E ocupou causando. Contrastando com a "austeridade" da plenária, revolucionário, representando a União das Nações Indígenas, Ailton Krenak discursou vestido em um impecável terno branco.

À medida em que ia falando, com firmeza, mas devagar, com breves pausas, como se estivesse medindo o impacto da performance e das palavras naquela audiência alienígena, o Burum ia pintando o rosto de preto, com tinta de jenipa-

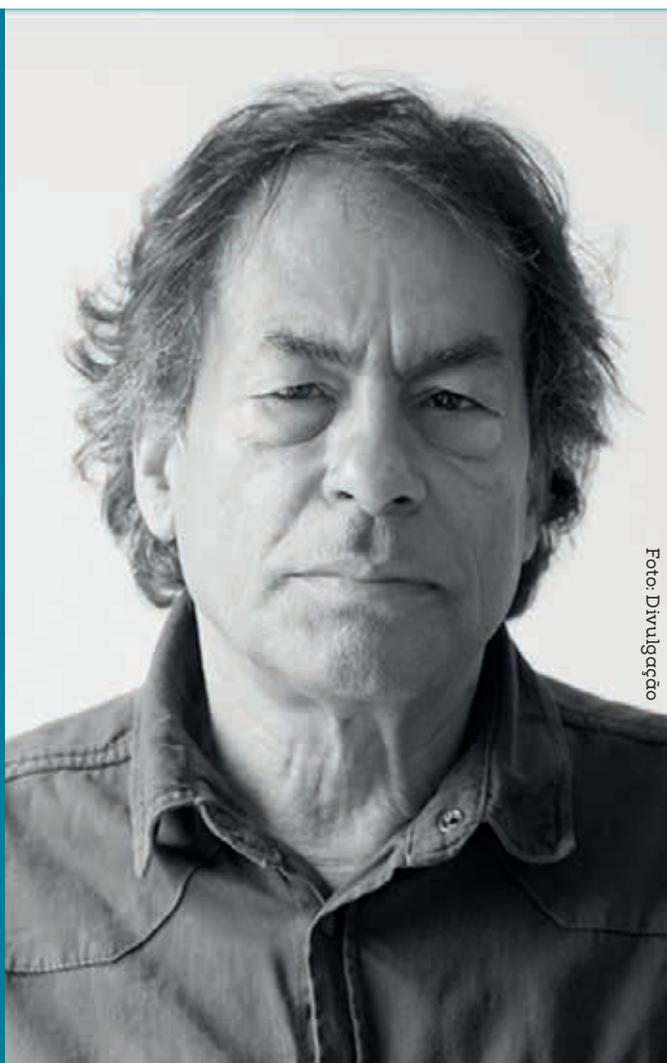


Foto: Divulgação

po, em geral usada para servir de proteção espiritual na luta dos povos originários, a cor negra significando o luto sentido pelos/as milhares de indígenas assassinados/as nos conflitos pelo direito à terra no Brasil.

Assustados/as, os/as congressistas ficaram em silêncio para ouvir Ailton Krenak:

Todos vocês devem saber quanto sangue indígena foi derramado em cada metro deste imenso território brasileiro. Ainda hoje nos defrontamos com a violência que vem da ganância e do poder econômico, da discriminação contra os povos originários. Os senhores não terão como ficar alheios a mais a essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena.

Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocaram a existência, sequer, dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos.

Por favor, parem de negar os fatos.

O discurso contundente daquele jovem líder indígena de apenas 33 anos impactou o pensamento branco dominante dos fazedores (e das poucas fazedoras – de 599 congressistas, apenas 26 eram mulheres) da nova Lei maior brasileira. Pela primeira vez na história do Brasil, o “índio” entrou na Carta Magna do país como sujeito de direitos.

IDEIAS PARA “ADIAR O FIM DO MUNDO”

Com Ailton Krenak, doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora; doutor *honoris causa* pela Universidade de Brasília (UnB); vencedor do Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano (2020), da União Brasileira de Escritores (UBE); e comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República, a Academia Brasileira de Letras incorpora um novo tipo de literato, aquele que escreve de forma tão encantadora como fala, mesclando a escrita e a oralidade com a letra e o som da palavra.

Como bem diz a ambientalista Adriana Ramos, do Instituto Socioambiental:

Um autor fundamental para apresentar uma cosmovisão indígena,

na perspectiva de olhar o mundo e o futuro pela ótica de povos que estão aí há milênios, e que já passaram por tanta coisa, para ajudar a inspirar nossa sociedade, que está enfrentando várias crises, ao mesmo tempo em que necessita de um olhar criativo e diverso, para esse enfrentamento. A obra de Ailton Krenak tem aberto esses caminhos para nossa sociedade aprender com os povos indígenas e refletir melhor sobre o futuro.

Voz incansável, militante e engajada na defesa dos povos indígenas, da paz no mundo e da vida na Terra, brilhante, o pensador, filósofo e escritor Ailton Krenak rompeu fronteiras. De seus mais de 15 livros publicados, dentre eles: *Um rio, um pássaro* (2023); *Futuro ancestral* (2022); *A vida não é útil* (2020); e *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), muitos estão traduzidos em diversos idiomas e são lidos em mais de 20 países.

Ideias para Adiar o Fim do Mundo tem edições no Japão, na Turquia, na Tchecoslováquia e em toda a América Latina. De tão famoso, o livro ganhou até uma tradução para o português de Portugal, onde recebeu um título novo: *Ideias para salvar a humanidade*. Irreverente, o autor comentou:

Esse meu livro foi publicado na suposta língua do Brasil, que é o português. Eles disseram: “não, queremos traduzir o livro para o português”. Isso quer dizer que os falantes naturais de português consideram que nossa língua é brasileira, não é português.

POSSE À MODA INDÍGENA

O que não faltou foi autoridade na posse de Krenak na ABL. Marcaram presença a ministra da Cultura Margareth Menezes, o ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida, o vice-ministro dos Povos Indígenas Eloy Terena, a presidenta da Funai Joenia Wapichana, e o secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro Marcelo Calero.

Também não faltou diversidade e informalidade. Acompanhado de um grupo de convidados/as especiais, que ele próprio escolheu, incluindo o amigo Benki Piyãko, do povo Ashaninka do Acre, Ailton Krenak juntou um belo mosaico das mais variadas gentes, parceiras suas de sonhos e de lutas.

O discurso de boas-vindas veio da escritora e acadêmica Heloisa Teixeira. E, entre muitos beijos e mesuras, recebeu o colar de imortal de Fernanda Montenegro, a espada, do acadêmico Arnaldo Niskier, e o diploma, do acadêmico Antonio Carlos Secchin.

Na cabeça, levou sua usual bandana dos Huni Kuin, símbolo da parentagem que tem com o povo Kaxinawá [o outro nome dos Huni Kuin], do Acre. O Burum é avô do jovem Siã, que também é neto do grande líder indígena Siã Huni Kuin e bisneto do legendário cacique Sueiro (já encantado), companheiro de Krenak e de Chico Mendes na construção da Aliança dos Povos da Floresta.

Outro toque especial foram os comes e bebes. A pedido do imor-

tal, não foram servidas bebidas alcoólicas, substituídas por água de coco tirada na hora e chás, e frutas, muitas frutas. Produzido pelo grupo Terra Come, de Belo Horizonte, o menu incluiu uma sopa com bases indígenas – mandioca, banana da terra, taioba e especiarias da terra, servida em cumbucas de argila.

O ponto forte do cardápio foi a batata doce roxa, considerada “o pão da terra” por muitas comunidades indígenas. Assada em uma camada de argila carimbada com a palavra Krenak (que na língua Krenak, proveniente do tronco linguístico Macro-Jê, significa “Kre” – cabeça e “Nak” – terra), a iguaria foi quebrada com martelo e servida para ser comida com as mãos, à moda indígena.

“UM NÓ NA ACADEMIA”

A entrada de Ailton Krenak, aos 70 anos, para o seletor clube de 40 intelectuais da ABL, marcado pelo predomínio branco e masculino, deve mudar um pouco as coisas por lá. O discurso da antropóloga, historiadora



Foto: Divulgação/ABL

e acadêmica Lilia Schwartz (uma das únicas cinco mulheres na Academia) na posse do Burum, dá um pouco o tom dessa perspectiva de mudança:

Durante muito tempo, a branquitude se escondeu na ideia de que a universalidade era só ocidental e branca. E agora nós vemos que a universalidade tem a ver com ser cosmopolita, no sentido de se alterar em função das relações que nós estabelecemos com os outros e com os nossos outros. Então eu acho que Krenak é o outro do outro, o outro da outra. E ele vai dar um nó na Academia, assim como tem dado um nó no Brasil também.

Schwartz tem razão. Krenak não chega apenas com sua clássica bandana Kaxinawá, nem só com suas “duas mãos e o sentimento do mundo”. Krenak chega com planos:

Uma das minhas intenções é convidar a ABL para criar uma plataforma, com a experiência que temos, por exemplo, com uma plataforma que já existe, chamada Biblioteca Ailton Krenak, disponível para quem quiser acessar na web centenas de imagens, textos, filmes e documentos. Não é legal? Poderíamos fazer isso com todas as línguas nativas. Teria tudo a ver com a ABL incluir mais línguas além do português. Eu [trago] comigo as línguas nativas do Brasil. O português não é uma língua brasileira. É uma língua europeia. Já comecei dando esse sinal óbvio de que não chego à Academia para ampliar a lusofonia. Vou promover uma sinfonia. Essa sinfonia é estimada pelos linguistas em 180 línguas indígenas. O Museu do Índio tem um acervo muito antigo de registros de narrativas, algumas delas só na língua materna. Vamos traduzi-las com uma tradução simultânea e as pessoas vão poder ouvir. Podemos fazer isso junto com todas as etnias que estão envuolvidas no resgate linguístico. A Unesco declarou essa década a segunda década das línguas indígenas. Podemos



Foto: Divulgação

chamá-la para dar um pouco mais de publicidade junto com a ABL. A ideia é priorizar a oralidade, e não o texto. O que ameaça essas línguas é a ausência de falantes.

Tai Ailton Alves Lacerda Krenak, o primeiro indígena a tomar posse na centenária, historicamente elitista, patriarcal e misógina Academia Brasileira de Letras. Criada há mais de 120 anos, em 1897, por Machado de Assis, um escritor negro, até 1977, quando admitiu Rachel de Queiroz, uma mulher nordestina, a ABL foi composta só por homens brancos.

Tai o Burum imortal, conselheiro da nossa Revista Xapuri, tradu-

ção desse momento histórico de transição da ABL como um espaço diverso e plural de erudição: outra vez lúcido, outra vez sonhador, outra vez militante, outra vez gentil, outra vez incisivo, outra vez cordial, outra vez abrindo picadas, outra vez na vanguarda, outra vez, ao seu modo único de ser e de viver, dando um jeito de “adiar o fim do mundo”.



Zezé Weiss - Jornalista, com textos tomados por empréstimo de José Bessa Freire (*Reza a Lenda*) e da introdução do livro *Um rio, um pássaro*, de Ailton Krenak (dados biográficos), editados por limitação de espaço.

CABEÇA NA TERRA

Ailton Krenak

Krenak significa “cabeça na terra”. Os Krenak colocam a cabeça sobre a terra por um minuto e, em seguida, dançam. Conta a tradição:

Havia um casal de índios passando por um caminho quando, de repente, a índia passou mal, para dar à luz uma criança. O índio colocou a índia sobre o barranco, deitada, e saiu correndo desesperado, pedindo ajuda aos “Kraí”.

Nessa época, homens trabalhavam na construção da estrada de

ferro que ligaria Vitória a Minas Gerais. Eles vieram e começaram a ajudar no parto.

Ao nascer, a criança saiu e bateu a cabeça na terra.

O índio desesperado gritou:

– *Agrãna tondone kren no nák!*
(O bebê bateu a cabeça na terra!)

Um dos homens pediu ao índio que repetisse o que ele havia dito:

– *Agrãna tondone kren no nák!*
(O bebê bateu a cabeça na terra!)

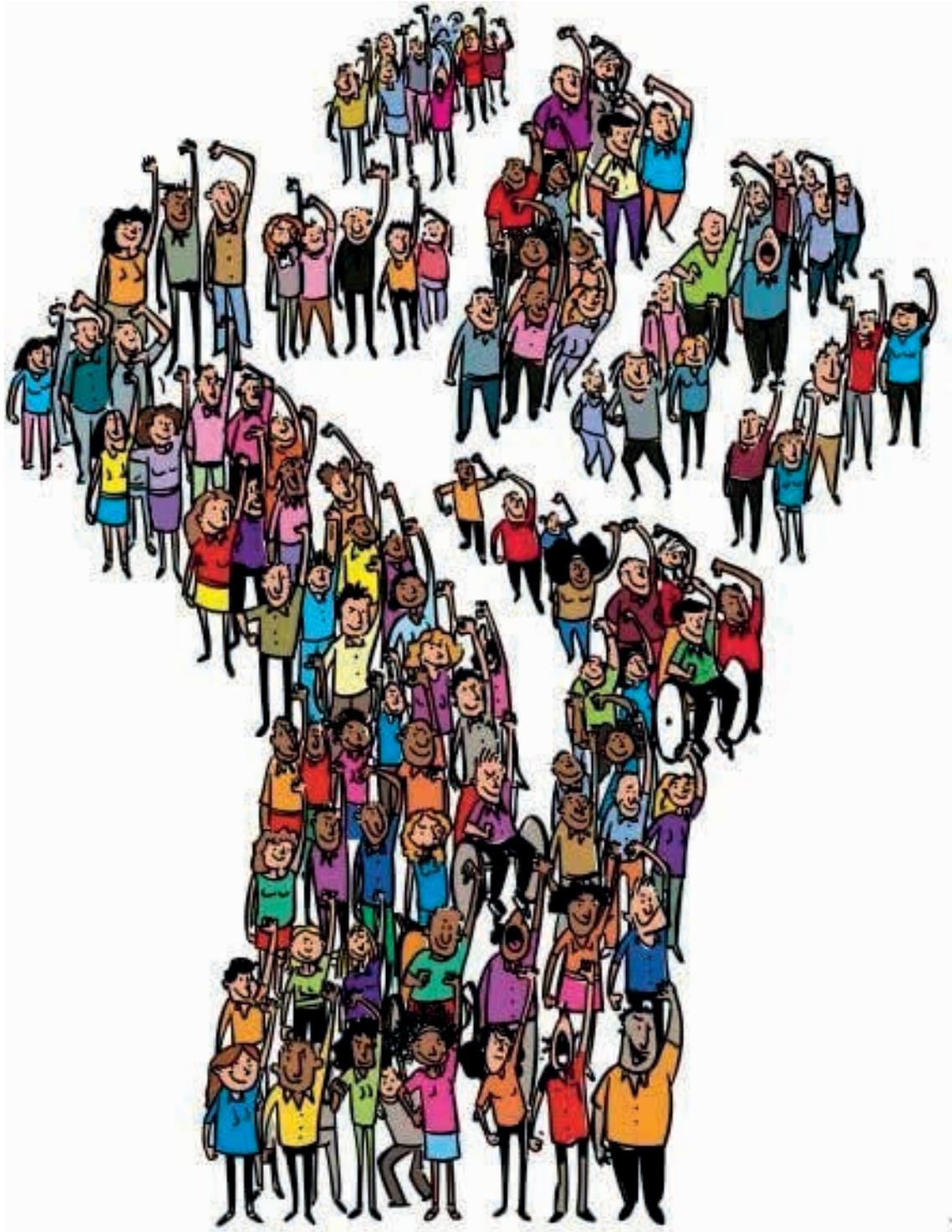
Juntando as palavras, o homem disse:

– Essa estação terá o nome *Krenak*.



Ailton Krenak – “5 narrativas dos índios Krenak, os últimos Botocudos do Leste”, depoimento a Eduardo Ribeiro, em julho de 2020. Ilustração: resultado da pesquisa do ilustrador indígena Gustavo Caboco, do povo Wapichana de Roraima, para a matéria. Texto completo disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/5-narrativas-dos-indios-krenak-os-ultimos-botocudos-do-leste/>





UNIDADE, RUMO À VITÓRIA

Eduardo Araújo

Este é um ano de grandes desafios para a categoria bancária. As mudanças na legislação trabalhista de 2017 nos impõem uma realidade nas negociações coletivas que exige de todos nós, colegas do BB, uma necessidade de agir com muita unidade, solidariedade e muito companheirismo. A adoção de uma dinâmica certa nas negociações será fundamental para não permitir retrocessos e garantir o êxito de nossa campanha.

Uma questão muito importante a ser preservada é a unidade nacional da categoria para a manutenção da contratação da Convenção Coletiva, que tem, desde 2006, estabelecido o patamar de reajustes salariais para todos, independentemente do banco e de governos. Nossa organização a partir dos sindicatos, das federações e da Confederação, a Contraf-CUT, precisará, mais uma vez, ser eficaz para combater a ganância do sistema financeiro nacional.

Concomitante à negociação com a Fenaban, haverá mesa de negociação sobre as cláusulas dos acordos coletivos específicos por bancos, além de outras demandas que serão definidas nos congressos (local e nacional) próprios.

Precisamos ser protagonistas para defender nossas pautas, seja no diálogo com os demais colegas nos locais de trabalho, para construção de uma consciência coletiva, seja na participação nos congressos ou na nossa mobilização durante as negociações. Essas são etapas decisivas na defesa de nossas con-

quistas e na busca de novos direitos no Acordo Coletivo de Trabalho.

Juntos somos mais fortes e juntos sairemos vitoriosos desta Campanha Nacional dos Bancários 2024.

Um forte abraço e até a vitória!



Eduardo Araújo de Souza –
Bancário do BB e presidente
do Sindicato dos Bancários
de Brasília.

TODOS POR TUDO

RESISTIR E VENCER

A MÁCULA NA HISTÓRIA BRASILEIRA

Alberto Cantalice

O golpe civil-militar de 1964 ficará para sempre como nódoa incrustada na história do Brasil. Além da ruptura da ordem democrática, o que por si só é de gravidade ímpar, obstruiu a aplicação das chamadas Reformas de Base.

O caráter reacionário e antinacional do golpe ficou claro com a apresentação da primeira lista de cassações do regime, bem como com a nomeação de sua equipe econômica onde pontificava Roberto Campos, conhecido como Bob Fields (pelo pró americanismo) e avô do atual presidente do Banco Central brasileiro, indicado pelo Capitão. Tudo a ver.

A ação da "Vaca Fardada", como era chamado o general Olímpio Mourão Filho, ao pôr as tropas nas ruas em Juiz de Fora, foi o corolário de uma conspiração que envolvia empresários, setores da Igreja, a Embaixada americana e parte dos generais egressos da antiga Força Expedicionária Brasileira, a FEB, cujo prócer maior era o general Castello Branco.

O papel da UDN, União Democrática Nacional, e de setores do antigo PSD, Partido Social Democrático, principalmente entre

fazendeiros como "vivandeiras de quartel", e da imprensa foi determinante para criar a crise institucional que derivou na ruptura.

AS CASSAÇÕES

Instaurado o golpe de Estado, seus perpetradores no dia 9 de abril de 1964 soltaram a primeira lista de inimigos do novo regime. Os 10 primeiros já davam uma dimensão do que adviria com a continuidade do golpismo. Eram eles: 1. Luis Carlos Prestes; 2. João Belchior Marques Goulart; 3. Jânio da Silva Quadros; 4. Miguel Arraes; 5. Darcy Ribeiro; 6. Waldir Pires; 8. General Luiz Gonzaga de Oliveira Leite; 9. General Sampson da Nóbrega Sampaio; 10. Leonel Brizola.

Pela lista inicial percebe-se que o intuito era desmontar os setores democráticos nas Forças Armadas e quebrar a espinha dorsal do PTB e do PCB, setores que, pela presença nos sindicatos e nas demais organizações da sociedade civil, chamavam o povo para o apressamento da aplicação das Reformas de Base.

A derrota histórica do povo brasileiro não foi uma derrota passa-

geira. Foi o apagar da chama da democracia por longos 21 anos.

Repito ser a ausência de uma justiça de transição, a exemplo das que ocorreram nos países sul-americanos como Argentina, Chile e Uruguai. A manutenção dessa verdadeira "espada de Dâmocles" sobre a democracia brasileira, o famigerado artigo 142 da Constituição de 1988, que mal interpretado – ou dolosamente interpretado –, coloca as Forças Armadas como uma espécie de Poder Moderador. O que é uma mentira.

A falta de punição aos golpistas de 1964 não poderá se repetir agora.

Os filhotes da ditadura que tentaram golpear a democracia tendo à frente o Capitão, alguns Chefes militares, empresários, policiais, entre outros, têm que ser severamente punidos. Não basta a captura das sardinhas. E sim, dos tubarões.

Ditadura Nunca Mais!



Alberto Cantalice – Jornalista. Editor da Revista Focus Brasil, em <https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2024/04/02/o-golpe-de-1964-a-macula-na-historia-brasileira/>

ESFERA PÚBLICA E DEMOCRATIZAÇÃO DO ESTADO

Emir Sader

A base dos ataques do neoliberalismo aos direitos de todos é a desqualificação do Estado. Ao demonizar o Estado, desencadeiam-se políticas de privatização de empresas, dismantelamento dos direitos das pessoas e estruturas estatais, além do desemprego de um grande número de funcionários públicos.

Os governos neoliberais nem sequer justificam suas ações, tratando tudo o que enfraquece o Estado como automaticamente positivo. Alguns desses governantes definem diretamente o Estado como o adversário fundamental a ser atacado, enfraquecido e dismantelado.

Assim, é em torno do Estado que ocorrem as maiores disputas políticas e ideológicas contemporâneas. Desde que Ronald Reagan afirmou que o Estado deixou de ser uma solução e passou a ser um problema, o Estado tem estado no centro das maiores polêmicas e ações políticas.

O liberalismo assumiu sua identificação com a democracia, opondo-se ao Estado como uma instituição

antidemocrática. A polarização fundamental, para o liberalismo e o neoliberalismo, seria entre o Estado e a sociedade civil.

O neoliberalismo esconde seu projeto de comercialização geral da sociedade sob a camada da sociedade civil. O polo neoliberal tem os empresários como sujeitos centrais. A esfera comercial não se opõe ao Estado, mas à esfera pública.

Esta é a esfera dos direitos, buscando que todos os indivíduos sejam cidadãos, ou seja, sujeitos de direitos. Na polarização entre a esfera comercial e a esfera pública, o Estado – ou esfera estatal – é um espaço de disputa entre essas esferas. Muitas vezes, no interior do Estado, os interesses comerciais – geralmente nos ministérios econômicos – e os interesses públicos – geralmente concentrados nos ministérios das políticas sociais – coexistem de forma contraditória.

Esta é a verdadeira polarização, entre o projeto neoliberal, que busca mercantilizar as relações sociais em detrimento dos direitos das

pessoas, e o projeto antineoliberal ou pós-neoliberal, que procura generalizar os direitos e transformar todos os indivíduos em cidadãos.

O projeto de reforma do Estado é proposto com significados diversos e conflitantes. Para o neoliberalismo, é um projeto sistemático de dismantelamento do Estado. Reformar é desestruturar o Estado, dismantelar suas estruturas fundamentais e acabar com toda e qualquer forma de regulação das relações sociais.

Para o antineoliberalismo, pelo contrário, trata-se de democratizar o Estado, ampliando sua capacidade de regular as relações sociais e colocando limites ao processo de comercialização das relações sociais. Trata-se de reformar radicalmente o Estado no sentido de sua democratização, fazendo da esfera pública o eixo fundamental do Estado.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Foto: Antonio Cruz/Agência Brasil



Foto: Divulgação/ PSOL



MARIELLE FRANCO: QUEM MATOU. QUEM MANDOU MATAR. E POR QUÊ.

Ieda Leal

Marielle Franco tinha 38 anos quando sofreu uma emboscada fatal no bairro do Estácio, o centro do Rio de Janeiro, em 14/03/2018. Ela e seu motorista, Anderson Gomes, morreram na hora.

Pouco tempo antes do crime, a vereadora Marielle Franco, do PSOL do Rio de Janeiro, havia participado de uma roda de conversas na Casa das Pretas. O tema da palestra: Mulheres negras no poder.

Terminada a palestra, Marielle entrou no banco traseiro do carro dirigido por Anderson Gomes, acompanhada pela assessora Fernanda Chaves, com destino à sua casa, na Tijuca.

Sentados dentro de um Cobalt Prata clonado, os assassinos aguardaram na rua a saída dela da Casa das Pretas. Foi só o motorista Anderson Gomes colocar o carro da vereadora em movimento, para começar a perseguição. Quando Anderson parou em um sinal de trânsito na Rua Joaquim Palhares, o Cobalt prata emparelhou.

O assassino, Ronnie Lessa, abriu o vidro traseiro e disparou pelo menos 13 vezes. Marielle foi atingida por quatro tiros na cabeça. Anderson recebeu outros três tiros pelas costas. Fernanda foi atingida por estilhaços e foi a única a escapar com vida do atentado.

Durante seis anos, o Brasil se perguntou quem matou Marielle Franco, quem mandou matar Marielle Franco e por quê mataram Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, naquela noite fatal de 14/03/2018.

Em 24/03/2024, a Polícia Federal prendeu os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão e o delegado Rivaldo Barbosa, denunciados pelo assassino Ronnie Lessa como os mandantes do assassinato da vereadora Marielle

Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, em 14/03/2018.

A família de Marielle expressou grande surpresa pela presença do delegado na lista de mandantes. De acordo com a PF, Rivaldo ajudou a planejar o crime e atrapalhou as investigações porque havia prometido impunidade aos mandantes. “Rivaldo não somente visitou a família no dia do crime, como se colocou à disposição para agilizar o processo de identificação e condenação dos assassinos, dizia ter sido amigo de Marielle”, comentou Marcelo Freixo, à época correligionário político e um dos grandes amigos da vereadora.

Os três foram presos, enviados para Brasília e depois distribuídos em prisões federais distintas, em Brasília, Mato Grosso e Rondônia, mediante ordem expedida pelo ministro Alexandre de Moraes, responsável pela investigação no Supremo Tribunal Federal (STF), com a concordância da Procuradoria-Geral da República (PGR). A razão dos assassinatos teria sido a “intervenção” de Marielle nos negócios imobiliários da milícia no Rio de Janeiro.

Para o ministro Ricardo Lewandowski, da Justiça, a prisão dos mandantes do assassinato de Marielle e Anderson, depois de seis anos, é uma vitória do Estado brasileiro. Segundo o ministro, o caso está encerrado. Entretanto, para as famílias de Marielle e Anderson, para defensores/as dos direitos humanos, de segmentos expressivos da comunidade jurídica, e até mesmo da mídia corporativa, o caso de Marielle não se encerra com a prisão dos três mandantes. Falta ainda muita coisa para esclarecer.

Em matéria publicada no jornal UOL em 25/03/2024, o colunista Tales Faria resumiu as perguntas

ainda sem resposta sobre o caso Marielle Franco:

A motivação, explicada pelo ministro [Ricardo] Lewandowski, parece-me algo muito simples para um assassinato. Se for isso, temos que levantar outros casos. Certamente o [Chiquinho] Brazão teve desavenças com muitas outras pessoas na Câmara Federal. E por que não matou? E por que nesse caso [da Marielle] matou?... (...) Outra coisa que não está bem explicada é: por que demorou cinco anos? Rivaldo [Barbosa, ex-chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro] e Ginton [Lages, delegado] ficaram menos de um ano nos seus cargos. Não foram apenas eles que atrapalharam as investigações. Houve mais gente para fazer com que elas demorassem cinco anos.... (...) Quando Raul Jungmann [ex-ministro da Justiça] e Raquel Dodge [ex-procuradora geral da República] saíram, a “investigação da investigação” não andou na Polícia Federal. Por que não andou durante esse tempo do governo Bolsonaro e só mudou quando Flávio Dino assumiu [o Ministério da Justiça]? (...)



Ieda Leal - Militante do Movimento Negro. Sindicalista. Conselheira da Revista Xapuri. Secretária

de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial.



Matéria elaborada com base em texto de matéria do mesmo nome, extraída da Revista *Extratos - 60 Anos do Golpe Militar de 1964*, Edição Especial, publicada pelo Sindicato dos Bancários de Brasília, em abril de 2024.



CERRADO

Foto: Fabio Pozzebon/Agência Brasil

IDEIAS PARA UMA HISTÓRIA

Altair Sales Barbosa

A região do Cerrado é um ponto de encontro entre a Amazônia, o Nordeste e o Sul. O planalto, revestido de Cerrado, é cortado pelos rios das três grandes bacias brasileiras (do Amazonas, do Prata e do São Francisco), acompanhadas de matas de galeria, ora mais, ora menos longas. No encontro dos rios das três bacias, formou-se uma extensão maior de floresta, conhecida como Mato Grosso de Goiás.

As áreas de matas oferecem solos para cultivos a serem instalados no começo das chuvas de verão. O Cerrado é muito rico em caça e em grandes variedades de frutos, que podem complementar a agricultura no começo das chuvas. E os rios proporcionam muito peixe no começo da estação seca.

Muito antes dos horticultores ceramistas, os caçadores e coletores pré-cerâmicos haviam se esparramado pelo território, utilizando os recursos de acordo com sua necessidade e sua tecnologia. Não se tem ainda

nenhuma ideia de quando e como se instalaram os cultivos.

Esses poderiam ter chegado pela migração de grupos horticultores ou pela aculturação dos caçadores e coletores, anteriormente aí presentes, que os poderiam ter recebido de vizinhos ou mesmo de processos locais. É possível que todos esses fenômenos tenham ocorrido.

Certamente não se pode resumir todo o jogo do povoamento em deslocamentos de grupos já prontos, porque sobra a pergunta: onde esses grupos se formaram?

Certamente, como nas outras áreas do mundo, os sistemas agrícolas desenvolvidos por populações indígenas, como as do Brasil Central, são o resultado final de um longo processo de experimentação, de coleta, cultivo e domesticação, desenvolvimento e empréstimo de técnicas de um ajustamento da sociedade. Talvez a transição do período úmido e quente do altitermal para um período mais seco e ameno fosse ocasião de povoamento.

GRUPOS DE HORTICULTORES CERAMISTAS

O fato é que no centro do Brasil ainda se desconhece por completo todo o processo e depois dos antigos caçadores se encontram, de repente, já formados, os grupos horticultores ceramistas, num tempo em que, supostamente, o ambiente já era o atual.

O mais antigo até agora detectado é da Fase Pindorama, supostamente horticultor, que já tem cerâmica ao menos 500 anos A.C. Depois aparece a Tradição Aratu/Sapucai, a Una, a Uru e a Tupiguarani.

As diferentes Tradições (cerâmicas) de horticultores exploram ambientes e cultivos diversos. A Tradição Una coloniza vales enfunados, geralmente pouco férteis, com predominância de Cerrados, usando como habitação abrigos e grutas naturais e como economia uma forte associação de cultivos em que predomina o milho associado à caça e à coleta.

Imagina-se que a população se distribuía em pequenas sociedades,

mas aptas para explorar os recursos diversificados, que poderiam alcançar, do seu ponto de instalação, o rio próximo, a pequena mata de galeria, o Cerrado e muitas vezes o campo no alto do chapadão. Esse ambiente não é disputado pelos grupos que constroem suas aldeias em áreas abertas.

A Tradição Uru chega mais tarde e domina o centro-oeste do estado. Avançando ao longo dos rios, ocupam terrenos mais baixos, provavelmente de pouca utilidade para os aldeões que haviam se instalado antes, mas importantes para eles por causa da locomoção e principalmente da pesca.

Desta forma se criou entre os dois grupos uma fronteira bastante estável, talvez nem sempre pacífica, em que aparentemente a Tradição Aratu é mais receptiva, aceitando elementos tecnológicos selecionados, entre os quais não está a mandioca e seu processo de transformação, aceito apenas em locais restritos.

A Tradição Tupiguarani parece ser a mais recente das populações aldeãs, tendo um certo domínio sobre o Vale do Paranaíba. A partir dele, acompanha os afluentes, indo acampar nos abrigos anteriormente habitados pela Tradição Uru.

Também há aldeias dispersas na bacia do Alto Araguaia, mas aparentemente sem muita autonomia, convivendo às vezes na mesma aldeia com grupos de horticultores de outras Tradições.

O Tupiguarani da bacia do Tocantins tem as aldeias ainda mais dispersas e recentes, como se realmente fossem, tal qual se imagina, populações vindas já no período colonial e por isso enfrentariam não apenas os índios aldeões já instalados, mas também os colonizadores brancos que os teriam trazido.

Se a Tradição Uru e a Tradição Tupiguarani, mandioqueiros, parecem mais próximos às culturas amazônicas, embora talvez não tenham procedência imediata de lá, a Tradição Aratu/Sapucaí faz parte de uma Tradição mais de Centro-Nordeste.

A Tradição Una, com menos domínios sobre as áreas abertas, dominadas pela Tradição anterior,

comprime-se numa faixa entre estes e as populações coletoras-cultivadoras do planalto meridional, tradicionalmente conhecidas por suas aldeias de casas subterrâneas.

Não obstante essa sua posição marginal, é nela, fora da Amazônia, que estão as datas mais antigas para a cerâmica. Talvez essa seja uma forma de cultura anterior ao desenvolvimento dos aldeões e, quem sabe, a origem deles.

Talvez com exceção da Tupiguarani, os representantes das outras Tradições viveram no território durante séculos sem muita movimentação, como numa terra que era deles, entre setenta e cem gerações sem maiores mudanças, a não ser as novas movimentações de fronteiras, onde populações mais antigas pudessem aceitar novas tecnologias recém-vindas.

Isso aconteceu até o dia em que irromperam na área, em grandes

destacamentos armados, homens diferentes, não interessados em plantar, colher e caçar, nem em construir aldeias entre o Cerrado e a mata, ou à beira da lagoa ou do rio. Queriam levar gente, pedras brilhantes e ouro para muito longe, nos primeiros anos do século XVIII.

Era o caos. As roças eram pilhadas. As aldeias demolidas, as mulheres violentadas, as roças de cultivo invadidas, as pessoas morriam de doenças desconhecidas. A guerra foi a solução de desespero. A derrota, o aldeamento, a desmoralização, a extinção ou a fuga, as consequências.



Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Antropólogo. Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador do CNPq. Conselheiro da Revista *Xapuri* desde dezembro de 2014. Pesquisador convidado da Universidade Evangélica de Goiás. em *O Piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado*, PUC-Goiás, 2014.



Foto: Divulgação



DAQUELE 1º DE ABRIL QUE EU VIVI NADA MUDOU

Trajano Jardim

Nos dias que antecederam o 1º de abril de 1964, a agitação deixava todos tensos. O comício da Central do Brasil, de 13 de março, criara um misto de confiança e ao mesmo tempo de preocupação sobre que rumo o País tomaria.

Cada setor da sociedade tinha uma avaliação particular de qual seria o caminho. Boatos sacudiam os noticiários dos jornais, do rádio e da televisão que ainda engatinhava. O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), de há muito, vinha se reunindo com regularidade, para avaliar a situação e organizar a resistência ao golpe que, na opinião de alguns, “estava em marcha”.

E o golpe que estava em marcha chegou no dia 1º de abril. O dia 2 amanheceu e só aí a “ficha caiu”. E agora. O que fazer? (Voltávamos a Lenin, na derrota de 1905). Naquela época a comunicação não tinha as facilidades de hoje. Os contatos eram interpessoais e institucionais.

Concluí que a minha vida a partir daquele momento iria virar “de ponta-cabeça”. Não queria acreditar

no velho Erasmo, camarada que me filiou ao Partidão, quando profetizou “esse é um golpe para 20 anos”. Infelizmente ele acertou em cheio. Foram exatamente vinte anos, dos quais, sete eu vivi na clandestinidade e, por quase dois, passei exilado na saudosa União Soviética.

Mesmo assim, apesar das muitas baixas sofridas, resistimos à ditadura militar. Reconstruímos, embora de forma frágil e com tropeços, a democracia. Durante a Constituinte de 88 enfrentamos os mesmos adversários golpistas de 1964. Alinhados no chamado “centrão” impediram avanços sociais consistentes, que poderiam ter feito o Brasil avançar rumo a uma sociedade justa e democrática. Ficamos no meio do caminho, dentro de um processo híbrido, com as portas escancaradas para o neoliberalismo, com suas políticas liberalizantes de entrega do patrimônio nacional.

Embora incompreensões e equívocos das forças progressistas e de esquerda, em 2003, elegemos um metalúrgico a presidente da República. A esperança ressurgiu.

Estávamos diante da possibilidade de construção de um novo processo de desenvolvimento voltado para a maioria da população e não acuramos que o inimigo não dorme.

Diante das políticas empreendidas pelo governo democrático e popular, que por certo emancipariam os trabalhadores, os estudantes, as mulheres e a população do campo, eles criaram as condições para um novo golpe e, com isso, destruir os avanços conseguidos.

As mesmas forças de 1954, 1961/64, sempre com apoio da grande mídia conservadora e do judiciário-político, criaram o ambiente propício para o retrocesso. Agora com o propósito de retirar as conquistas dos trabalhadores consignadas na Constituição e na Consolidação das Leis do Trabalho, conseguidas a ferro-e-fogo nos processos de lutas, com suor e lágrimas. Era preciso abalar as estruturas das organizações sociais e sindicais, com o uso de métodos nazifascistas, alicerçados na bandeira da anticorrupção, para ganhar as mentes da classe média despolitizada e dominada pelos meios de comunicação conservadores.

O golpe de 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato de Dilma, embora sem o uso dos tanques e das armas, das mortes e torturas explícitas, foi mais destruidor. Com métodos políticos similares aos usados pelos nazistas para chegar ao poder, os golpistas de agosto de 2016 criaram um estado de terror pela via da Segurança Pública.

Daquela 1º de abril que eu vivi nada mudou. As classes dominantes continuam na ofensiva para consolidar o retrocesso social e político e de destruição da soberania nacional.



Trajano Jardim –
Jornalista. Conselheiro
da Revista Xapuri.



Foto: Divulgação/ Evandro Teixeira



INDIFERENÇA APARENTE

Antenor Pinheiro, especial de Varadero, Cuba

Na solidão tranquila da praia, o homem compartilha o espaço com o elegante pelicano, imersos em suas próprias jornadas, sem se cruzarem ou interferirem na trajetória um do outro. O homem caminha mar adentro a contemplar o oceano, perdido em seus pensamentos; o pelicano, o detalhe distante na paisagem que não requer sua atenção. Para o majestoso pássaro, parece imune à existência do homem, concentrado em seus próprios instintos. Indiferença recíproca na atmosfera de tranquilidade e harmonia na paisagem, cada qual no seu próprio curso, sem perturbar a paz do outro. Não há troca de olhares, nem gestos de reconhecimento entre eles. Apenas o som das ondas

quebra-lhes o silêncio. É a beleza da indiferença aparente, a profunda coexistência pacífica entre homem e pelicano - a reciprocidade inversa. Cada um representa uma faceta única da natureza e da vida neste mundo diversificado e conectado. Enquanto o homem busca significado em suas próprias reflexões, o pelicano encontra sua essência na simplicidade e na harmonia do ambiente natural. Assim, na praia onde homem e pelicano dividem o mesmo espaço sem se notarem, há uma lição a ser aprendida sobre a aceitação da diversidade e a valorização da vida em todas as suas formas. É que mesmo na indiferença há espaço para admiração mútua e respeito pela singularidade de

cada ser deste planeta que chamamos de lar, um lar único, um lar de todos nós!



Antenor Pinheiro -
Geógrafo. Membro do
Conselho Editorial da
Revista Xapuri.





Foto: Divulgação/Caminhos da Reportagem/EBC

ERA UMA VEZ... UM CURUMIN QUE SONHAVA

Marcos Jorge Dias

Sentado na curva do rio, o Curumim olhava as estrelas refletidas nas águas.

Sonhava que um dia seria grande e que ia correr pelo mundo, montado no vento que fazia ranger o tabocal onde o curupira se escondia.

A brisa morna aquecia sua pele e a escuridão da noite lhe cobria o corpo com a maciez do pelo da onça preta, a quem admirava por sua beleza e temia por sua ferocidade.

Sentado à margem do rio, o Curumim sonhava voar em meio à imensidão de estrelas refletidas nas águas.

Sonhava que mergulharia entre as nuvens que viravam cachoeiras quando a chuva caía sobre a floresta.

Sentado na curva do rio, o Curumim sonhava um dia virar boto e mergulhar sem medo no mundo das águas em meio aos traçajás, jacarés e aruanãs que habitam o rio estrelado.

O piar do Caburé rasgou o silêncio da noite e arrancou o Curumim das profundezas do sonho.

Sentado à margem do rio, o Curumim sentiu o calor do projétil que varrou sua pele e explodiu seu coração.

Seus olhos, fixos no céu, refletiam as estrelas enquanto seu sangue se misturava às águas contaminadas por mercúrio dos garimpos que invadiram a floresta onde, um dia, sentado na margem do rio, o Curumim sonhava.



Marcos Jorge Dias – Conselheiro da *Revista Xapuri*. Curumim acreano, por todos os Curumins assassinados, nas florestas, nas cidades, na faixa de Gaza.

REFORMAR AS FORÇAS ARMADAS

José Dirceu

Eu cumprimentei a minha amiga Luiza Erundina, que é um símbolo para nós todos, e me veio à memória todos e todas que estão representados nessas fotografias hoje. A nossa presença aqui – acredito que a do Nilmário Miranda, a minha, a do José Genuíno, de todos e todas – representa um compromisso irrenunciável. Primeiro, de luta pelo resgate da memória dos companheiros e companheiras que caíram lutando contra a ditadura e dos mortos e desaparecidos.

A bem da verdade, tanto o PT como a bancada do PT na Câmara dos Deputados têm uma posição firme e clara a favor da Comissão de Mortos e Desaparecidos e a favor da manutenção e da sustentação da Comissão de Anistia. Nós precisamos aprender as lições de agora. Não do passado.

O que nós recebemos de volta, depois da Constituição de 1988, é que o único país onde os militares não responderam pelos crimes e pela ditadura foi o Brasil (foram responsabilizados, até na Guatemala). Isso é uma vergonha para nós. O que nós recebemos de volta, depois de 30 anos? Uma nova tentativa, primeiro de um governo militar, porque o governo do Jair Bolsonaro foi sustentado – a sua campanha, o seu programa e, depois, o seu governo – pelos núcleos das Forças Armadas.

É preciso dizer que a maior parte do Estado Maior do Exército foi para o governo Bolsonaro. É bem verdade e esponde que ele expulsou três ou quatro e os humilhou, inclusive. Mas a realidade é que nós tivemos um governo civil-militar e uma tentativa de golpe de Estado que está mais do que provada. Não só dia 8 de janeiro, como dentro das Forças Armadas.

Não é à toa que, agora, 67 oficiais estão sendo investigados. Então algo está muito errado, depois de 30 anos. O que está errado é o que o Supremo Tribunal Federal está fazendo agora, dizendo que as Forças Armadas são um poder subalterno ao poder civil. Para submeter as Forças Armadas brasileiras ao poder civil, o currículo das escolas militares precisa mudar. Senão, a cada geração, eles são educados de uma forma conservadora, reacionária, como se fossem os repre-



Foto: Divulgação Ricardo Stuckert

sentantes da nação que vão restaurar a moralidade e o interesse nacional.

Tem que mudar também as promoções. O presidente da República tem que ter a última palavra nas promoções. Isso não pode ser confundido com a ideia de que nós somos contra as Forças Armadas, contra que o Brasil tenha Forças Armadas. Ainda que muitos possam defender uma posição pacifista até contra a existência das Forças Armadas, como o nosso amigo querido Eduardo Jorge e Luiz Gushiken defendiam.

O problema todo é político, e são as alianças. Só não teve golpe porque, ao contrário do passado, a classe média das grandes regiões metropolitanas, o empresariado, a mídia, os americanos e a situação internacional e nacional não permitiam o golpe, mas eles tentaram dar um golpe. Então não há como aceitar a situação.

É verdade que nós não temos maioria na Câmara e no Senado para mudar. Mas está em discussão no Congresso a estratégia de defesa nacional, a política de defesa nacional e o Livro Branco. Já é hora de o país debater isso. Certos problemas do Brasil só têm solução se nós envolvermos o país. E o papel das Forças Armadas, o Supremo Tribunal Federal está fazendo isso essa semana dizendo que não existe poder moderador e tem que mudar as Forças Armadas.

Tem que ter uma reforma nas Forças Armadas. Essa é a questão. Caso contrário, conforme a conjuntura, conforme o momento político-histórico, nós voltaremos a ter o problema que nós tivemos na eleição de Jair Bolsonaro, no governo dele, no 8 de janeiro de 2023.

Em dezembro de 2022, quando Lula foi ser diplomado pelo TSE, houve uma tentativa. Vamos lembrar que os “Pés Pretos” já estavam nas manifestações que depredaram a Polícia Federal, que queimaram carros e ônibus. Então é mais do que evidente que é preciso primeiro apurar e punir todos os oficiais militares envolvidos e reformar as Forças Armadas.

É nosso compromisso com os mortos e desaparecidos. Esse é irrenunciável, porque é a nossa vida. Faz parte de nós. O Brasil deve isso às famílias, deve isso à história do Brasil, deve isso a eles, que deram a única coisa que tinham, deram a vida, para que nós estivéssemos hoje aqui, em democracia, lutando agora por eles. Muito obrigado.



José Dirceu – Ministro-chefe da Casa Civil no primeiro governo Lula (2003-2005). Presidente nacional do Partido dos Trabalhadores e deputado federal por São Paulo. Autor, entre outros livros, de *Memórias* – vol. 1 (Geração editorial). Texto estabelecido pelo Brasil 247 a partir do discurso proferido no Ato público “Ditadura Nunca Mais”, em 31 de março de 2024, junto ao Monumento em Homenagem aos Mortos e Desaparecidos Políticos do Regime Militar no Parque Ibirapuera em São Paulo.



Foto: Acervo Arquivo Nacional

A HERANÇA NEFASTA DA DITADURA MILITAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Rosilene Corrêa

Além de banir, matar, torturar e desaparecer com milhares de lideranças políticas, sindicalistas, indígenas, camponeses/as, educadores/as e jovens estudantes, a ditadura militar, instalada pelo golpe de 1º de abril de 1964, produziu uma remodelagem no sistema educacional do país, deixando marcas profundas na educação brasileira.

Usando do aparato jurídico da ditadura, o regime implantou, por meio de leis, um modelo centralizador e autoritário centrado, sobretudo, em reformas voltadas para a mudança de uma educação tradicional para uma educação

tecnicista, baseada nos ideais do racionalismo, objetivando, à moda militar, “organização e eficiência”.

Com base nessa política, que considerava o/a educador/a apenas um/a técnico/a que deveria ser treinado para cumprir instruções técnicas, além de construir prédios precários, a ditadura criou a modalidade de graduação conhecida como Licenciatura curta, teoricamente para formar mais educadores/as em menos tempo.

A Constituição militar de 1967 “desobrigou” a União e os estados a investirem um mínimo, alterando um dispositivo previsto na Lei de Diretrizes e Bases, aprovada em 1961,

onde previa que a União tinha que investir ao menos 12% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação.

Essa mesma Constituição da ditadura desobrigou os estados e municípios de alocarem 20% de seus orçamentos na Educação. A nova Constituição também abriu o ensino para a iniciativa privada, abrindo as portas do ensino brasileiro para a precarização da escola pública.

A partir daí, reduziu-se a oportunidade de jovens pobres entrarem na Universidade, que passou a ser reduto dos/as filhos/as de ricos, com condições de pagar as novas escolas privadas para preparar



suas crias para ocupar as vagas nas universidades públicas, acentuando, assim, a dualidade entre o ensino público e o ensino privado.

Do ponto de vista da ideologia e dos costumes, a ditadura introduziu mudanças curriculares para “fazer a cabeça” de crianças e jovens. Uma delas foi a introdução da matéria Educação Moral e Cívica para os alunos/as do 1º e 2º graus. A Educação Moral e Cívica só deixou de ser obrigatória em 1992 e só foi abolida em 1993.

O regime também alterou o conteúdo da disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSPB), pensada por Anísio Teixeira, ex-ministro do presidente João Goulart, para que a juventude brasileira conhecesse melhor a legislação do país. Com a mudança, a OSPB passou a ser um instrumento de propaganda da ditadura. Em consequência de tantas mudanças absurdas, o país entrou em um redemoinho de revoltas estudantis, de prisões, torturas, mortes e desaparecimentos de muitos/as jovens brasileiros/as.

Perdeu-se, com o golpe, a “Educação como Prática da Liberdade”, de Paulo Freire. Voltou-se a uma educação bancária, autoritária, repressora e domesticadora, social e culturalmente empobrecida, estruturada em uma ideologia de “pressão e repressão” sobre estudantes e professores/as.

O Ato Institucional número 5 (AI-5), editado em 1968, a peça jurídica

mais repressora da ditadura, cuida, especialmente, da educação, no capítulo sobre funcionários públicos:

1º – sendo que tais infrações definidas neste artigo serão punidas/castigadas:

I – se fizer parte ou for membro do corpo docente, funcionários, ou empregados de estabelecimentos educacionais com pena de demissão ou dispensa, ou a proibição de ser nomeado, despedido ou contratado por qualquer outra da mesma situação, por tempo de cinco anos;

II – se for aluno, com a punição de desligamento, e sendo proibido de se matricular em qualquer outro estabelecimento educacional pelo prazo de três anos;

2º – se o infrator tiver a bolsa de estudos ou tiver qualquer ajuda do Poder Público, irá perdê-la, e não poderá utilizá-la por cinco anos;

3º – se tratando de bolsista estrangeiro, será solicitada a sua retirada do território brasileiro.

Pra completar, entre os anos de 1964 e 1968, o regime fechou doze acordos com o governo norte-americano, os chamados Acordos MEC-USAID, permitindo a uma nação estrangeira influenciar e impactar na condução de todos os setores da educação brasileira, como as reformas do ensino superior e posteriormente de 1º e 2º graus, tendo por norte os pilares do “civismo” e “patriotismo”, essenciais na ideologia da “Educação e Segurança”.

Somente na década de 1980, com a ditadura já em frangalhos, com a comprovação do fracasso da implantação da reforma da Lei da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e da Lei nº. 7.044/82, as escolas foram dispensadas da obrigatoriedade da profissionalização.

O objetivo da educação não era formar consciência crítica, era formar mão de obra barata e silenciosa para os projetos do regime. Mais escolas técnicas, com cursos profissionalizantes de nível médio, as chamadas “escolas polivalentes”, menos jovens pensantes nas universidades. Mais violência nos protestos estudantis, chamados de “subversivos”.

Decretaram a intervenção nos sindicatos, inclusive no Sindicato dos Professores de Brasília, o Sinpro/DF. Colocaram na ilegalidade a UBES (União Brasileira de Estudantes Secundários), a UNE (União Nacional dos Estudantes), mataram centenas de jovens. Em Brasília, o jovem estudante da UnB, Honestino Guimarães, continua até hoje desaparecido.

É por tudo isso que, nos 60 anos do golpe militar, não nos resta outro caminho que dizer:

DITADURA NUNCA MAIS!



Rosilene Corrêa – Professora, dirigente da CNTE, vice-presidenta do PT-DF e Conselheira da Revista Xapuri.



Foto: Divulgação/ Toninho Tavares/ Agência Brasília



Foto: Divulgação/lepe / © Décio Yokota/lepe

ESTUDO REVELA CONTAMINAÇÃO POR MERCÚRIO EM INDÍGENAS E PEIXES NA TERRA YANOMAMI

Leanderson Lima/Amazônia Real

A grave crise sanitária na Terra Indígena Yanomami (TIY), em Roraima, ganha um novo e dramático capítulo com a divulgação do resultado do estudo científico “Impacto do mercúrio em áreas protegidas e povos da floresta na Amazônia: Uma abordagem integrada saúde-ambiente”, na quinta-feira, dia 4 de abril.

O trabalho, conduzido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) entre os dias 4 e 14 de outubro de 2022, analisou quase 300 indígenas na região do Alto Rio Mucajaí, nas aldeias Caju, Castanha, Ilha, Ilihi-

makok, Lasasi, Milikowaxi, Porapi, Pewaú e Uxiú. O resultado mostra que todos os homens, mulheres, crianças, adultos e idosos apresentaram algum nível de contaminação por mercúrio, metal utilizado por garimpeiros na extração de ouro.

Além dos indígenas, os pesquisadores analisaram 47 exemplares de peixes, de 14 espécies diferentes. Todas as amostras também apresentaram contaminação por mercúrio. De acordo com o relatório, a análise do risco atribuível ao consumo de pescado revelou que a

ingestão diária de mercúrio excede em três vezes a dose de referência preconizada pela *Environmental Protection Agency U.S. EPA* (sigla em inglês para Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos).

O ponto de partida para a realização da pesquisa foi um pedido feito pela Texoli – Associação Ninam do Estado de Roraima, que representa um subgrupo Yanomami que vive na região do alto rio Mucajaí, em Roraima.

“Quando a gente fala de Terra Indígena Yanomami, vem na mente que todos que vivem naquele territó-

rio são um povo único, homogêneo, e isso não é verdade. O que ocorre é que dentro da terra indígena existem seis subgrupos Yanomami, que falam línguas diferentes. E além desses seis subgrupos Yanomami, existe também uma outra etnia, que é o povo indígena Ye'kwana, que vive ali na região também", explica o coordenador do estudo, o pesquisador Paulo Basta.

EFEITOS DO GARIMPO E DA CONTAMINAÇÃO

O cientista aponta os efeitos do garimpo como de curto, médio e longo prazo. A curto prazo é o que se vê nos noticiários: a invasão territorial, a desorganização social, a violência, os homicídios, a violência sexual contra mulheres e crianças; a presença do tráfico de armas, de drogas e bebidas alcoólicas, além da devastação territorial que causa alterações no ecossistema.

No médio prazo, os efeitos passam por questões de insegurança alimentar, o que provoca desnutrição crônica. "A desnutrição compromete o sistema imunológico. As crianças estão mais suscetíveis a terem doenças infecciosas, quadros repetidos de infecções respiratórias, quadro repetidos de diarreia, menos resistência a adoecimento por malária, enfim, tem uma série de consequências", explica.

Para o pesquisador, a contaminação por mercúrio é apenas a "ponta" de um imenso iceberg. "No contexto da invasão garimpeira dentro das terras indígenas, todo mundo fala do mercúrio, da contaminação do mercúrio, o mercúrio como a primeira palavra de ordem. Na verdade, o mercúrio é só a ponta desse iceberg, porque ele vai provocar danos que vão ser observados em médio e longo prazo", assinala.

Basta explica os malefícios da exposição crônica e o caminho que o metal pesado percorre no corpo humano. "Uma pessoa se alimenta de pescado contaminado por mercúrio. O mercúrio é ingerido, cai na corrente sanguínea, é distribuído para diferentes órgãos do sistema e vai se acumular principalmente no cérebro,

no sistema nervoso central. Esse processo de acúmulo é lento e insidioso, então a cada nova alimentação é um novo pequeno depósito de mercúrio".

Em adultos cronicamente expostos, o mercúrio pode causar sintomas brandos ou mais graves em três categorias básicas: sintomas sensitivos, sintomas motores e sintomas cognitivos.

"Na parte sensitiva há diminuição da sensibilidade das mãos, dos pés, começa a ter problemas de alteração da audição, alteração da visão, alteração do paladar. Fica um gosto metálico na boca, as pessoas começam a ter problema de irritabilidade, de insônia", explica. Na parte motora, os sintomas são tremores nas mãos, fraqueza nas pernas, dificuldade de caminhar, dificuldade para realizar movimentos simples como caminhar e até segurar uma caneca ou um talher.

O grupo mais vulnerável da população indígena, segundo Basta, é formado por mulheres em idade fértil e gestantes. Quando uma gestante come um peixe contaminado e absorve o mercúrio, o metal cai na corrente sanguínea e, por intermédio do cordão umbilical e da placenta, chega no bebê que está em formação. Estudos apontam que as concentrações de mercúrio presente no cérebro do bebê chegam a ser de cinco a sete vezes superiores às encontradas no corpo da mulher.

Ou seja, a contaminação por mercúrio no povo Yanomami começa ainda na fase pré-natal, o que pode levar ao aborto, ao comprometimento da vida reprodutiva da mulher, além do risco de gerar crianças com má formação, com síndromes neurológicas e paralisia cerebral.

REVOLTA

O presidente da Associação Yanomami (URIHI), Junior Hekurari, diz que a contaminação por mercúrio tem as digitais do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). "Essa é a digital que os ex-presidente deixou no povo Yanomami. Ele não exerceu seu papel de presidente, que era proteger a população. Ele incentivou a entrada

de garimpeiros na terra indígena. Hoje o povo está contaminado, os peixes estão contaminados", declarou ele à Amazônia Real.

Junior diz esperar que o atual governo possa finalmente retirar os invasores da terra indígena. "Queremos que o governo planeje a retirada dos garimpeiros. O governo tem que criar uma estratégia, um plano estratégico. Os garimpeiros ainda estão aqui, espalhados, contaminando o resto dos peixes e a população. Estamos sofrendo, o Estado brasileiro tem que fazer seu papel de proteção aos indígenas", desabafa.

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dário Kopenawa, reforça que a invasão da terra indígena continua. "Os garimpeiros continuam subindo e descendo, voando de avião e helicóptero. Subindo nos barcos e entrando por outras regiões e comunidades".

Dário vê com preocupação o resultado do estudo. "É uma situação difícil. O povo Yanomami está contaminado com mercúrio. A terra está invadida, destruída por maquinários. As crianças tomam água suja, os adultos, as mulheres gestantes. As crianças têm problemas neurológicos, tem criança nascendo sem braço. Isso já está acontecendo", denuncia.

Ele vê avanços no governo Lula (PT), mas pede a desinstituição definitiva da Terra Indígena Yanomami. "Algumas coisas não mudaram. Os garimpeiros continuam causando problemas, fazendo ameaças de morte, violando crianças e mulheres. O governo federal precisa retirar todos os garimpeiros da Terra Yanomami, urgentemente".



Leanderson Lima - Jornalista. Trabalhou em veículos como Jornal A Crítica, Correio Amazonense, Jornal do Comércio e Zero Hora (RS). Na televisão trabalhou na TV A Crítica, Rede TV! Manaus, e na rádio A Crítica, como comentarista. Está na equipe de jornalistas investigativos da agência Amazônia Real desde o ano de 2021. É o vencedor do Prêmio Petrobras de Jornalismo de 2015, com a reportagem "Chute no Preconceito". Texto editado por limitação de espaço. Ver matéria completa em: <https://amazoniareal.com.br/estudo-revela-contaminacao-por-mercuro-em-terra-yanomami/>

NA TORRE DA DONZELAS, A RESISTÊNCIA À DITADURA

José Bessa Freire

*DE PÉ, OH VÍTIMAS
DA FOME! /
DE PÉ, ESCRAVOS
SEM PÃO! /
E GRITEMOS
TODOS UNIDOS /
VIVA A INTERNACIONAL!*
Eugène Pottier, 1871.





Foto: documentário 'Torre das donzelas'.

Na década de 1950-60, *A Voz Quermesse de Aparecida* irradiava pelo bairro mais charmoso de Manaus músicas encomendadas ao *Serviço de Amplificação Telegramas no Ar*. O modelo era mais ou menos esse, que vai aqui atualizado para o dia de hoje:

- Para você, que nasceu em 1^º de abril de 1964 e agora, fardado e emedalhado, caxinga com a perna direita por este arraial, o Taquiprati lhe oferece a música *A Internacional*, cantada pelas mulheres presas na Torre das Donzelas em versão chilena dos Quilapayún:

- *El día que el triunfo alcancemos / ni esclavos ni hambrientos habrán / la tierra será el paraíso / de toda la Humanidad.*

A Internacional é sempre entoada por manifestantes no mundo inteiro em diversas línguas, como forma de protesto contra os estados nacionais que, por sua natureza, costumam ser instrumentos de guerra e opressão.

O poema escrito por Eugène Pottier, em 1871, logo após o saldo de 30 mil mortos da Comuna de Paris, sonha com a solidariedade

internacional do gênero humano num mundo utópico de paz, sem fome, sem patrão.

Lembrei da letra musicada em 1888 pelo belga Pierre De Geyter, durante esta *Semana Ditadura e Democracia – Passado e Presente*, organizada pela TV Brasil para evocar os 60 anos do golpe militar, com projeção diária de filmes e debates mediados pela imprescindível jornalista Cristina Serra.

O dia que durou 21 anos, um dos filmes exibidos, comprova com documentos de arquivos e entrevistas a participação dos Estados Unidos no golpe de Estado denominado de “Revolução” pelos milicos.

Já *Tempos de Resistência* analisa os movimentos de luta contra a ditadura. Mas o que atraiu quem, como eu, tem nove irmãs, foi a *Torre das Donzelas* (2018, 97min) debatido por João Cezar de Castro Rocha e a historiadora Heloísa Starling.

BUNKER EMOCIONAL

O cenário é o Presídio Tiradentes, em São Paulo, onde foram encarceradas mais de 30 mulheres na cela *Torre das Donzelas*. Mas esse

lugar de memória foi apagado com a demolição do prédio, em 1972, para a construção do metrô.

Então, a diretora Susanna Lira reergueu uma torre cenográfica com grade, cama, banheiro, escadaria e corredor, a partir de desenhos feitos no quadro de giz por algumas das ex-presidiárias. É lá que elas relembram a prisão e as torturas, mas também como resistiram à barbárie.

O filme alterna a linguagem documental da história oral com cenas breves de reconstituição protagonizadas por atrizes amadoras que, como no teatro, interpretam naquele cárcere fictício as prisioneiras quando jovens.

Há momentos em que os relatos nos deixam com o coração apertado pelo grau de brutalidade e crueldade: prisões ilegais até de grávidas e de outras que amamentavam, tortura e assassinatos de mulheres indefesas cometidas por “agentes da lei” pagos pelo contribuinte. E não se tratava de um desvio de conduta de alguns criminosos, mas de uma política do Estado ditatorial.

Apesar disso, quarenta anos depois, essas mulheres combativas confirmam que não se deixaram



Foto: Divulgação

abater na prisão, de onde saíram machucadas, mas inteiras. – “Elas construíram um bunker emocional, que não as deixava sucumbir à desumanização” – escreveu a jornalista Thais Seganfredo.

Na Torre, elas improvisam jogo de vôlei, brincam de desfile de modas, leem livros e destacam a leitura na manutenção da esperança. Cada uma ensina o que sabe às outras, cozinham e, se não me falha a memória, foi Dilma Rousseff que fez sopa de quiabo.

É dela a declaração de que “a pior coisa que a cadeia pode fazer é tirar o nosso futuro”. Não tirou. Uma das presidiárias confirma: “O inimigo quer ver a gente triste e destruída”. Não viu. Elas estavam conscientes de que “a alegria é uma forma de resistência”.

A FLECHA E A FARDA

Essas mulheres encarceradas, que recuperaram o espírito coletivo de convivência, não foram derrotadas, na medida em que saíram da prisão fortalecidas para continuar a luta – assegura a diretora Susanna Lira, filha de um militante equatoriano “desaparecido” nos porões do DOPS. “Muita gente morreu e foi

torturada para que nós pudéssemos viver hoje numa democracia. Apesar de toda a barbárie, venceu a humanidade” – ela conclui.

As presas conduzidas ao Presídio Tiradentes, no qual algumas viveram durante até quatro anos, tiveram um período de relativa calma, se comparado com o anterior em que foram torturadas e violentadas. Uma delas, minha amiga Ana Burstyn Miranda, por ser carioca, chegou a ser transferida para uma cela no Forte de Copacabana, no Rio. Vinte anos depois, em 1993, pude acompanhá-la na visita ao Museu Histórico do Exército, que lá funciona. Era a primeira vez que, livre, revivia ali sua prisão.

O documentário, longe de ser panfletário e “vitimista”, prioriza a resistência e não a tortura sofrida por elas, já amplamente reconstituída na Comissão da Verdade com nomes dos torturadores e dos aparelhos de repressão.

Torre das Donzelas constitui um esforço para quebrar o incômodo silêncio e construir outras versões do discurso histórico, que buscam saldar uma dívida com o país. As novas gerações não merecem a memória silenciada, escondida e adulterada de um passado vergonhoso.

Precisam se arrepiar ouvindo o canto da *Internacional* pelas mulheres da Torre de Donzelas, cujos nomes estão aqui registrados em ordem alfabética:

Ana Burstyn-Miranda, Ana Maria Aratangy, Ana Mércia, Arlete Bendazzoli, Darci Miyaki, Dilma Rousseff, Dulce Maia, Elea Mercurio, Elza Lobo, Estrella Bohadana, Eva Teresa Skazufka, Fátima Setúbal, Guida Amaral, Iara Glória Prado, Ieda Akseruld Seixas, Ilda Martins da Silva, Janice Theodoro da Silva, Lenira Machado, Leana Ferreira de Almeida, Leslie Beloque, Lúcia Salvia Coelho, Maria Aparecida dos Santos, Maria Aparecida Cantal, Maria Luiza Belloque, Marlene Soccas, Nadia Leite, Nair Benedicto, Nair Yumiko Kobashi, Rioco Kayano, Rita Sipahi, Robeni Baptista da Costa, Rose Nogueira, Sirlene Bendazzoli, Telinha Pimenta, Vilma Barban.



José Bessa Freire – Escritor. Cronista. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Matéria publicada em seu blog www.taquiprati.com.br em abril de 2023.

*“E foi aí que
todo mundo descobriu
que ele
não tinha sido
um menino
maluquinho
ele tinha sido
era um menino feliz!”*



xapuri.info

SIMPLESMENTE, ZIRALDO!

(24/10/1932-06/04/2024)



AMBIENTE FAVORÁVEL AOS BIOINSUMOS NO BRASIL

João Marcelo Abbud

Em 2023, o agronegócio movimentou cerca de R\$ 2,6 trilhões no Brasil, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA). A participação do setor no PIB nacional beirou os 24% e acompanhou a tendência positiva da última década. O segmento é dividido em produção agropecuária, indústria, serviços e mercado de insumos.

Este último, que corresponde a R\$ 145,7 bilhões, é composto principalmente pela comercialização de defensivos agrícolas e fertilizantes. Apesar de a compra de insumos sintéticos constituir a maior parte desse mercado, o Brasil pode caminhar para ser um dos maiores produtores e consumidores globais de insumos biológicos para agricultura, ou bioinsumos.

Esse movimento, cujas evidências são incipientes, porém sustentadas, vem acompanhado de uma série

de potenciais vantagens para a economia nacional. Entre elas, a diminuição da dependência de importação de insumos tradicionais e a geração de empregos em cadeias sustentáveis: oportunidade ideal para acelerar a necessária transição ecológica e estimular a inovação no setor agrícola. Há também potencial de reduzir emissões de Gases do Efeito Estufa (GEE), dado que, no Brasil, grande parte é advinda do agronegócio e, particularmente, do uso de fertilizantes químicos.

A definição de bioinsumos varia conforme contexto, aplicação e país. Mas para o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), é considerado todo produto, processo ou tecnologia de origem vegetal, animal ou microbiana que interfere positivamente no desenvolvimento de organismos e que interage com processos físico-químicos e biológicos. Eles englobam tanto biodefensivos e biofertilizantes

quanto inoculantes e nematicidas. Todos esses são necessários para o desenvolvimento sadio das plantas, ou seja, a fitossanidade.

Desde a instauração da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), em 2012, buscou-se implementar ações indutoras de uma transição agroecológica por meio de estudos para viabilizar o registro simplificado de produtos fitossanitários: uma demanda histórica associada à agricultura sustentável no Brasil. A dinâmica se alinha a diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e coaduna com a conservação da agrobiodiversidade.

Como o MAPA veta o uso de fertilizantes e agrotóxicos elaborados sinteticamente para fins de produção orgânica, abre-se uma janela ideal não só para a agricultura familiar, mas também para o setor agropecuário tradicional.



O lançamento do Programa Nacional de Bioinsumos (PNB), em 2020, foi um marco legal e institucional importante para o reconhecimento do setor. Ao apresentar os bioinsumos como alternativa aos insumos solúveis tradicionais, que são nefastos ao meio ambiente e à vida humana, o MAPA organizou medidas estruturantes de forma a disseminar o registro e aumentar a aplicação. Isso proporcionou a ampliação da oferta de produtos biológicos com o respaldo de um arcabouço regulatório.

Desde então, o setor cresceu 50% ao ano e desbancou a média global de 15%, de acordo com a consultoria agro CropLife. Além disso, o segmento ultrapassou 10 milhões de hectares em área tratada e se aproxima de 700 produtos biológicos registrados, entre macro e microrganismos, semioquímicos e bioquímicos. Como parte do Plano Safra 2023/2024, existem ainda linhas de crédito direcionado para fomentar a produção de bioinsumos e o manejo sustentável de sistemas agrícolas, com taxas de juros chegando a 7% ao ano para produtores rurais.

O Brasil é um país reconhecidamente megabiodiverso, o que favorece a instalação de biofábricas e biorrefinarias (unidades produtoras de bioinsumos) e, com isso, a fabricação nacional dos insumos biológicos, tendo ainda grande potencial para exportação.

Atualmente, existem cerca de 80 biofábricas instaladas no país. Essa aparelhagem deve reduzir custos na cadeia produtiva e consequentemente aumentar a renda em circulação, tanto em salários quanto em lucros. Além disso, pode-se promover atividade econômica e criar empregos a partir das unidades produtoras, diminuindo desigualdades entre áreas rurais e urbanas.

Com o aumento de demanda para as lavouras de milho, soja e algodão, principalmente, os defensivos biológicos estão em alta histórica de comercialização. Segundo pesquisa da Kynetec, especializada em consultoria agrícola, o mercado brasileiro de biodefensivos movimentou cerca de R\$ 4,26 bilhões na safra de 2022/2023, o que representa um aumento de 45% em relação à safra anterior. Isso demonstra que o arcabouço legal e regulatório do PNB pode ter fornecido um terreno propício para o aumento do comércio dos produtos.

Mas mesmo com o robusto crescimento da categoria, a parcela de biodefensivos representa apenas 4% do total de defensivos agrícolas comercializados no Brasil: o domínio dos pesticidas químicos é nítido. A demanda por pesticidas e fertilizantes tradicionais, apesar de crescer mais lentamente que a de bioinsumos, ainda é a base do regime incumbente no agronegócio brasileiro.

O problema é que, além de contaminar corpos d'água e alimentos por

meio da presença de nanopartículas tóxicas e reduzir a biodiversidade, os insumos sintéticos têm a dinâmica produção-consumo bem alinhada e rígida. Essa cadeia está ligada, muitas vezes, à falta de neutralidade política das decisões relativas ao setor, o que pode impor barreiras ao avanço da inovação e das novidades tecnológicas no setor agropecuário em geral.

Ainda existem claros gargalos nesse processo de transição. Mesmo com o arcabouço do PNB, persistem insegurança jurídica e certa viscosidade no estabelecimento de novas cadeias de produção. Mas a dinâmica da ascensão do segmento de bioinsumos não significa necessariamente rompimentos drásticos com o cenário normativo existente.

O potencial de expansão dependerá muito da eficácia de políticas públicas e dos alinhamentos entre o setor e atores importantes no agronegócio. No horizonte, é possível que os insumos biológicos deixem de ser produtos comercializados em "nicho" e que se consolidem na dinâmica de mercado dominante. Talvez estejamos nos aproximando de um ponto de inflexão que pode, em uma mesma tacada, unir diminuição de desigualdades, sustentabilidade ambiental e desenvolvimento econômico.



João Marcelo Abbud - Graduando em Economia pela UnB e Jornalista. Atua com Economia Ecológica e Sustentabilidade.

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTOS BIOLÓGICOS DE CONTROLE

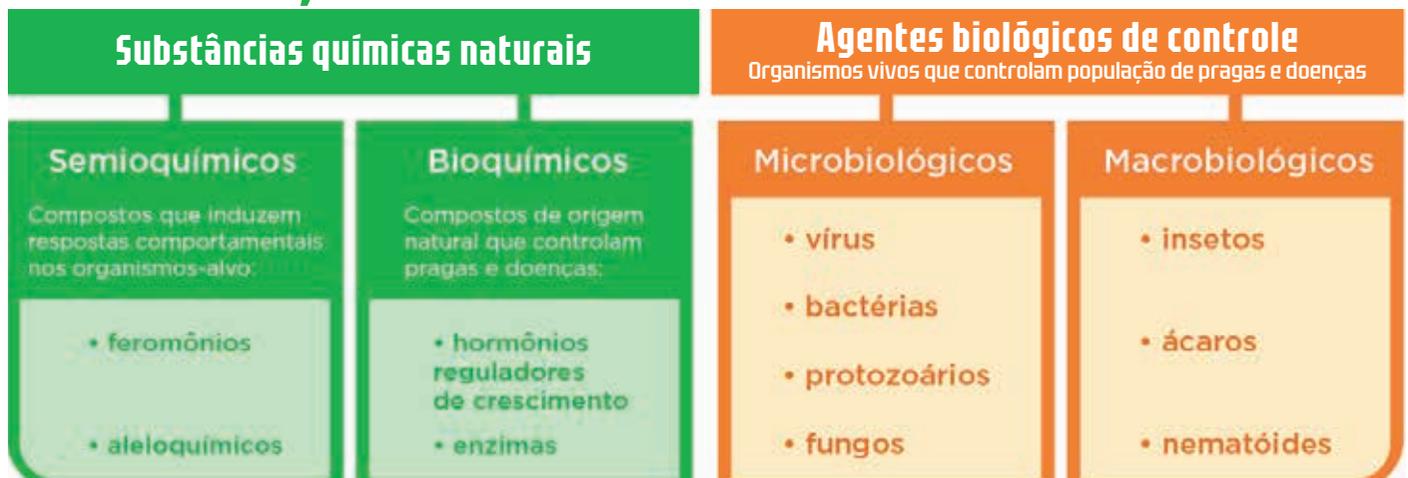




Foto: Ligia-Simonian/Cimi

ESTADO CONCEDE REPARAÇÃO COLETIVA HISTÓRICA A POVOS INDÍGENAS POR CRIMES DA DITADURA

Em 02/04/2024, um dia depois de o Brasil completar 60 anos do golpe de 1964, pela primeira vez na história do Brasil, os povos indígenas Guarani-Kaiowá, da região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e Krenak, de Minas Gerais, receberam do Estado brasileiro um pedido de perdão coletivo por crimes cometidos contra eles desde a década de 1940, na era Vargas, aos anos de chumbo da ditadura militar (1964-1985).

A reparação coletiva não é financeira, mas concede a cada povo indígena a condição de "Anistiado Político", o que, além de representar um reconhecimento inédito da violência a que os indígenas foram submetidos na ditadura, as pessoas de suas comunidades poderão, agora, solicitar a revisão de seus documentos

de identificação, a inclusão nas políticas públicas do Estado e o direito de lutar pela demarcação de suas terras.

A violência do Estado brasileiro contra os Guarani-Kaiowá começou na década de 1940, na Era Vargas, quando os indígenas foram expulsos do território Guyraroká, em Mato Grosso do Sul, para ceder suas terras ancestrais aos fazendeiros que vinham do Sul do país para se instalar na região.

Segundo relatos históricos, esse movimento do governo federal de confinar os Guarani-Kaiowá em outras áreas ou em beiras de estrada, para que suas terras pudessem ser usurpadas pelo agronegócio, persistiu durante todo o regime militar.

Em 1969, o governo militar criou o Reformatório Agrícola Indígena

Krenak – um presídio que chegou a abrigar 94 pessoas de 15 etnias, vindas de 11 estados brasileiros – na Terra Indígena Krenak, localizada no município de Resplendor, no Leste de Minas Gerais. Os militares também criaram a Guarda Rural Indígena (GRIN), para obrigar indígenas a perseguir seu próprio povo durante a ditadura.

Em 1972, o povo Krenak foi expulso de suas terras ancestrais em Resplendor e obrigado pela ditadura a viver na Fazenda Guarani, pertencente à Polícia Militar (PM), em Carmésia, mais de 300 quilômetros distante de suas terras. A medida foi tomada para facilitar a ação de posseiros vizinhos que tomaram os mais de 4 mil hectares da comunidade indígena.



Foto: Arquivo Nacional

Em Brasília, agora, o povo Krenak recebeu um pedido de desculpas formal da Comissão de Anistia do Ministério dos Direitos Humanos, pelas perseguições, torturas e mortes sofridas pelo aparato de repressão do regime militar. Com a reparação, os Krenak terão agora direito à retificação de documentos e inclusão no Sistema Único de Saúde, além do direito de avançar no processo de demarcação de suas terras.

Os mesmos pedidos foram rejeitados pela Comissão da Anistia em 2022, no governo do inominável, tomada por integrantes nomeados pelo Palácio do Planalto. Em 2023, no primeiro ano do terceiro governo Lula, a Comissão da Anistia voltou a analisar as petições, incluindo as dos povos Guarani-Kaiowá e Krenak, que são também defendidas pelo Ministério Público Federal (MPF) desde 2015.

O MPF move uma Ação Civil Pública contra a União, o estado de Minas Gerais e contra o major reformado da Polícia Militar de Minas Gerais, Manoel dos Santos Pinheiro, que, segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), foi o responsável direto pelos crimes e violações de

direitos cometidos no Reformatório Krenak e na Guarda Rural Indígena. Manoel morreu em 2023, sem ser condenado por nenhum dos crimes cometidos contra o povo Krenak.

Documentos oficiais registram que, além da expulsão de suas terras e dos deslocamentos forçados, cerca

de 8 mil indígenas foram presos, "desaparecidos" ou mortos durante o regime militar da ditadura brasileira.

Fonte: Revista Extratos - Edição Especial - Golpe de 1964. Sindicato dos Bancários de Brasília - Abril/2024.





Foto: Divulgação/ Marcello Casal/Agência Brasil

A PRECIFICAÇÃO DA VIDA HUMANA: POR QUE ALGUNS MEDICAMENTOS ESTÃO NO ROL DA ANS, MAS NÃO FORAM INCORPORADOS AO SUS?

Janaína Mathias Guilherme e Maria Francisca da Silva Santos

Apesar da Constituição Federal garantir o direito à vida e à Saúde e igualar todos os cidadãos e cidadãs, em função das dificuldades vivenciadas por quem depende do SUS, quem tem condição financeira paga um plano de saúde. Os planos de Saúde são regidos pelas regras da ANS, que atualiza seu rol de seis em seis meses, nos termos da Resolução Normativa nº 465/2021.

Os planos são obrigados a fornecer os medicamentos que estão nesse rol. Nem sempre o fazem, o que gera a polêmica jurisdicionalização da saúde. No Brasil, ao menos neste momento, já que quando se fala em direito de saúde há uma grande volatilidade nos entendimentos, o rol não é taxativo, e sim exempli-

ficativo. Para estar incluído no rol da ANS, o medicamento tem de preencher uma série de requisitos.

Quando falamos em SUS é importante saber se o medicamento está incorporado ou não. Em ambos os casos existem demandas judiciais, mas cada uma com suas peculiaridades. No entanto, a não incorporação pode se tornar um entrave significativo para o paciente.

As demandas judiciais são longas e penosas. Há casos em que o paciente vai a óbito antes que o juiz decida a seu favor. Em outros casos, a lentidão nas decisões e cumprimentos resultam no retardamento do tratamento gerando consequências severas e irreversíveis. É preciso um combo de fatores para favorecer o

resultado almejado, cenário árduo e conhecido somente por quem realmente se especializou na área.

Para a incorporação de um tratamento junto ao SUS é necessário que ele passe por uma análise da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde, e nesse processo alguns pontos devem ser analisados. A análise da Conitec é baseada em evidências científicas, considerando aspectos como eficácia e segurança da tecnologia, tudo nos termos do Decreto 7646/2011.

No entanto, existem outros fatores que podem levar à negativa do pedido de incorporação ao SUS. Basta uma pesquisa simples para ver que nos pareceres da Conitec para medicamentos altamente

utilizados por pacientes graves mundo afora são encontradas palavras como “custo adicional”, “mais caro”, “impacto orçamentário”.

Cabe, portanto, o questionamento: quanto vale uma vida humana? É possível mensurá-la? No terreno do pensamento, o que nos torna humanos é a incansável luta pela felicidade, aqui personificada no direito e na justiça como instrumento de busca por uma vida com dignidade, algo extremamente profundo que dá contorno a nossa existência e sua singularidade, que não pode ser medida, nem pesada! Não tem preço!

Muitas vezes o estudo compara o medicamento a ser incorporado a outro e conclui pela sua eficácia, mas em função de seu alto custo opina pela não incorporação. São inúmeros os fatores que levam o médico assistente a prescrever o medicamento A ou B e o principal deles é o indivíduo e todos eles passam pela eficácia, mas para a Conitec ela não é suficiente.

Inúmeros medicamentos que estão há anos no rol da ANS não foram incorporados ao SUS. Ou seja, se a pessoa tem uma doença grave e tem plano, em tese ela fará uso daquele tratamento que seu médico sabe que pode lhe salvar a vida ou lhe dar um fim digno, com menos dor, mas se ela depender do SUS e não procurar a justiça, poderá ver sua vida minguando lenta e dolorosamente. Onde fica a igualdade prevista na Constituição?

Mesmo ciente de que é impossível não considerar o impacto orçamentário, soluções precisam ser encontradas, porque a vida do usuário do plano não tem mais valor do que a do usuário do SUS. É preciso pensar na redução de impostos, custos, quebrar patentes, investir em pesquisas e outras soluções. Se alguém precisa perder algo, esse alguém não pode ser o cidadão doente, sob pena de ver sua cidadania ferida de morte.

Há uma nova tecnologia de combate a alguns tipos de câncer que consiste em extrair uma amostra de sangue, tratar os linfócitos, enviá-la aos Estados Unidos, onde eles “aprenderão” a combater a neoplasia. Logo depois, o sangue é infundido no paciente. Esse tratamento custa cerca de três milhões de reais e aparentemente somente os planos de saúde têm sido acionados para arcar com esse tratamento. Ao que parece, aos usuários do SUS essa ainda é uma realidade distante.

Enquanto isso, se esvaem vidas de Marias, Marinas e Josés, todos à espera de se tratar pelo SUS, assim como o fazem outros que têm condição financeira de pagar o plano.

A questão é muito simples: se quem paga o plano faz o tratamento x e se cura, mas quem usa o SUS tem acesso negado e morre, isso gera ao menos à família do usuário uma expectativa de um direito de reparação, não pela morte, mas porque a ele foi negado o direito de tentar.

Fala-se tanto em “impacto orçamentário” e em “medicamento de alto custo”, mas se todos os doentes desse país que não iniciaram o tratamento no momento certo e tiveram prejuízos conhecessem seus direitos certamente o impacto seria enorme.

A conclusão é de que não somos todos iguais, já que uns podem se tratar de uma doença devastadora melhor e mais rapidamente que outros. A diferença está na precificação da vida. A luta pela vida vale muito a pena, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, já que é essa luta de massa que faz com que medicamentos sejam incorporados, patentes sejam quebradas e pesquisas sejam iniciadas.

Essa reflexão é necessária e urgente, até porque não há nada mais urgente do que vida e a dignidade humana.



Janaina Mathias Guilherme -

Advogada formada pela Universidade de Uberaba, especialista em Direito Civil e Processual Civil e em Direito Processual Penal pela Universidade Federal de Goiás, atuante na área da saúde, seja no Direito Público, seja no do consumidor. Sócia da banca Janaina M. Guilherme Assessoria e Consultoria Jurídica.



Maria Francisca da Silva Santos -

Fotojornalista, formada pela Faculdade de Artes e Arquitetura da Universidade Católica de Goiás e em Filosofia pela PUC Goiás. Presidente da APDNHC – Associação dos Pacientes com Doenças Neurológicas do Hospital das Clínicas. Membro Titular do Conselho Municipal de Saúde de Goiânia. Paciente com esclerose múltipla e usuária do SUS.





JUSTIÇA PARA ARI-URU-EU-WAU-WAU!

— Zezé Weiss

Cerca de quatro anos após a morte do ambientalista e professor Ari-Uru-Eu-Wau-Wau, o acusado do homicídio, João Carlos da Silva, preso desde 13/07/2022 (dois anos depois do crime), será levado ao Tribunal do Júri no dia 15 de abril,

na comarca de Jarú, em Rondônia, quando esta edição da *Revista Xapuri* já estará em circulação.

Dada a importância deste julgamento para o povo Uru-Eu-Wau-Wau e para os povos indígenas de Rondônia e do Brasil, optamos por manter

a matéria na revista impressa e, no dia do julgamento, publicar o resultado em nosso site: www.xapur.info.

Professor na aldeia 621, Ari Uru-Eu-Wau-Wau fazia parte da equipe de Vigilantes Guardiões, que protege o território indígena de seu



povo, combatendo as invasões de madeireiros e grileiros. Indígenas, ambientalistas e defensores/as dos direitos humanos dão como causa do assassinato as denúncias que ele fazia da extração ilegal de madeira dentro do seu território, a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau.

Ari Uru-Eu-Wau-Wau, foi assassinado na noite do dia 17 para o dia 18/04/2020, com quatro golpes na cabeça. Seu corpo foi encontrado na manhã do dia 18; de acordo com a polícia, com sinais de lesão contundente na região do pescoço, que ocasionou uma hemorragia

aguda, porém sem sinais de auto-defesa, razão por que foi levantada a hipótese de que teria sido dopado e agredido até a morte. Ari Uru-Eu-Wau-Wau tinha apenas 33 anos.

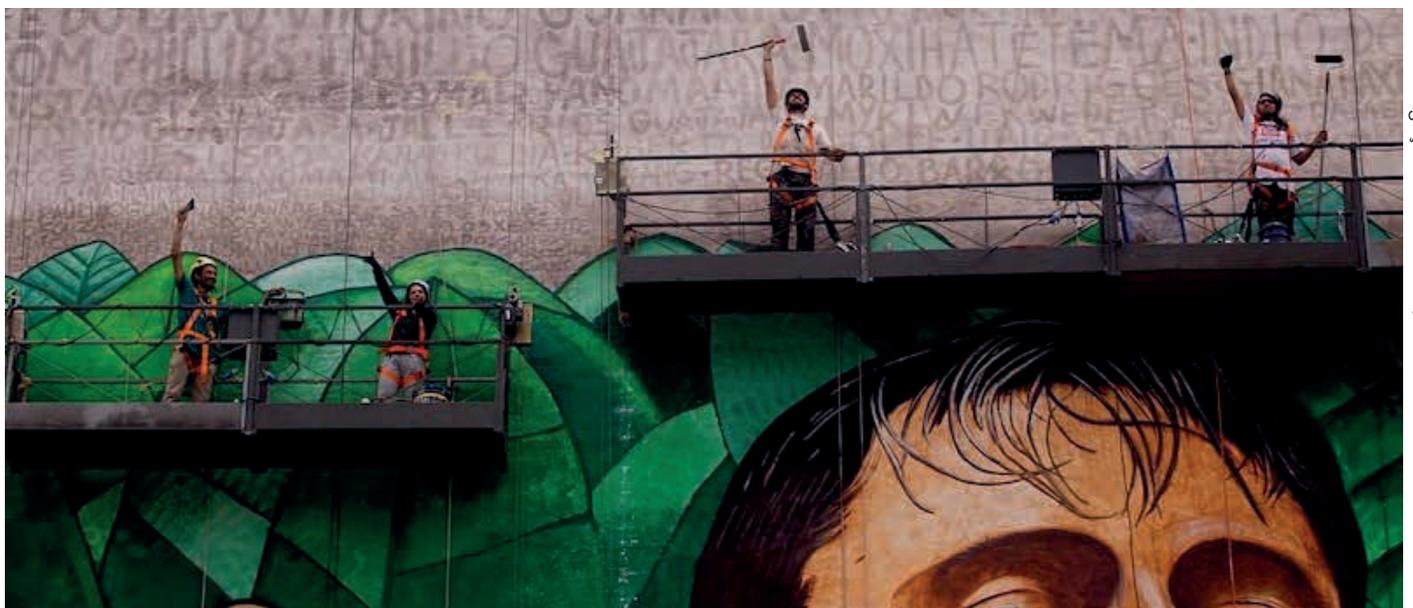
O assassinato de Ari Uru-Eu-Wau-Wau fez de sua luta referência em Rondônia, no Brasil e no mundo. Seu nome foi citado e sua memória homenageada por Txai Suruí em seu discurso na abertura da COP26 (Conferência da Cúpula do Clima), realizada em Glasgow, no Reino Unido, entre os dias 1 e 12/11/2021.

Em janeiro de 2023, um mural do artista Mundano, de 618 m², pintado

com terra e cinzas de queimadas da Amazônia, passou a fazer parte da paisagem da cidade de São Paulo. Localizado na lateral de um prédio na rua Quintino Bocaiuva, a poucos metros da Catedral da Sé, serve de alerta para a situação de vulnerabilidade das lideranças indígenas, das comunidades extrativistas e de ambientalistas que defendem a Amazônia, o meio ambiente e os povos da Floresta.



Zezé Weiss - Jornalista.
Editora da Revista Xapuri.





PLENÁRIA

SINDICAL DO SINTEGO/2024

27 DE ABRIL

8h às 17h

AUDITÓRIO CARLOS VIEIRA - ALEGO

(Av. Emival Bueno, Quadra G, Lote 01, Park Lozandes, Goiânia - GO)

ATENÇÃO:

Delegados/as já eleitos/as para o período de 1 ano.
Conforme Art. 15, parágrafo 1º do Estatuto do SINTEGO.

PAUTA:

- Congresso do SINTEGO;
- Piso e Carreira do Magistério;
- Enquadramento da Carreira dos/as Administrativo/as;
- Jornada de Trabalho;
- Fim dos 14,25% dos/as Aposentados/as;
- Ações Judiciais;
- Outros.



A LOCA DE PEDRA

Ailton Krenak

Antigamente, havia uma pedra que tinha um papagaio encantado, que três índios descobriram.

Esses índios eram o capitão, o cacique e o pajé. Eles estavam procurando alimentos, quando viram uma pedra alta e foram lá vê-la.

Chegando lá, tinha um cipó dependurado na pedra. Eles subiram pelo cipó e a pedra ficou “baixa”.

Então, eles alcançaram a loca. Eles foram entrando, lá era muito grande, e no canto havia um papagaio.

Eles voltaram e chegaram no acampamento deles e falaram para os seus parentes que eles haviam encontrado um local mais seguro, que dava para esconder todo o povo do ataque dos brancos.

Todos os índios foram para a loca de pedra. Nessa época, não havia território indígena demarcado.

O local onde é hoje a aldeia Krenak era antigamente denominado Minhãn Rat. O governo entrou por Minhãn Rat e nomeou “Dallo” Cristino para reunir os índios da região neste local.

Desde menino, “Dallo” Cristino sabia falar Krenak. Ele saiu pela mata procurando os índios. Nesse momento, os índios já estavam fugindo dos brancos. Ele saiu pela mata e encontrou um dos índios e perguntou onde estavam os outros. O índio não disse nada, foi então até o capitão e contou que um KRAI estava procurando o local onde os índios se escondiam.

O capitão mandou o índio conversar com o “Dallo” Cristino e manda-lo ir até o esconderijo para conversarem. Quando ele chegasse perto da pedra, se ele estivesse com a polícia, era para ele assoviar; caso o chefe estivesse sozinho, era para ele chamar na língua indígena.

Como só foram o “Dallo” Cristino e o índio, o capitão foi ao seu encontro. Ai o chefe falou para o capitão que o governo mandou demarcar a terra, que era para os índios ficarem sossegados. Fez uma reunião com os índios de Panças e de Cuparaque para todos irem para Minhãn Rat.

Os índios também queriam ir para lá. Então o governo demarcou a terra que hoje se chama Krenak.

Depois de um tempo, “Dallo” Cristino queria conhecer o antigo esconderijo dos índios. Eles contaram que se encontrava no local da pedra e que lá tinha um papagaio. Lá também tinha ossos de peixe, tatu, de muitas caças que provavelmente serviram de alimento para o papagaio.

O capitão morreu e o seu irmão assumiu o seu lugar. “Dallo” Cristino queria buscar o papagaio. Pegou uma gaiola e chamou dois índios, e seguiram, mas o irmão do capitão disse que eles iam perder a viagem. Mesmo assim, eles foram. Chegando lá, a loca da pedra tinha “crescido”. Ai o índio falou:

–Takruk! (A pedra cresceu!)



Ailton Krenak – “5 narrativas dos índios Krenak, os últimos Botocudos do Leste”, depoimento a Eduardo Ribeiro, em julho de 2020. Ilustração: resultado da pesquisa do ilustrador indígena Gustavo Caboco, do povo Wapichana de Roraima, para a matéria. Texto completo disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/5-narrativas-dos-índios-krenak-os-últimos-botocudos-do-leste/>



PARA ONDE ESTAMOS INDO?

Leonardo Boff

Há a convergência de inúmeras crises que estão afligindo a humanidade inteira. Sem precisar citá-las, restrinjo-me a duas, extremamente perigosas e até letais:

uma *guerra nuclear* entre as potências militaristas, disputando a hegemonia na condução do mundo. Como a segurança nunca é total, aí funcionaria a fórmula $1+1=0$.

Quer dizer, uma destruiria a outra e levaria junto todo o sistema-vida humana. A Terra continuaria empobrecida, cheia de chagas, mas giraria ainda ao redor do Sol por



não sabemos quantos milhões de anos, mas ser esse Satã da vida que é o ser humano demente que perdeu sua dimensão de sápie. A outra é a mudança climática crescente que não sabemos em que grau Celsius vai se estabilizar. Um fato é inegável, afirmado pelos próprios cientistas céticos: a ciência e a técnica chegaram atrasadas.

Passamos o ponto crítico em que elas poderiam ainda nos ajudar. Agora apenas podem nos advertir dos eventos extremos que virão e minorar os efeitos danosos. Climatólogos sugerem que, nos muito próximos anos, possivelmente o clima se estabelecerá, em termos globais, em torno de 38-40 graus Celsius.

Em outras regiões pode chegar por volta de 50º C. Haverá milhões de vítimas, especialmente entre crianças e idosos que não conseguirão se adaptar à situação mudada da Terra. Estes mesmos cientistas têm advertido os Estados para o fato de milhões de migrantes que deixarão suas terras queridas pelo excesso de calor e pela frustração das safras de alimentos.

Possivelmente, e é o desejável, que haja, obrigatoriamente, uma governança planetária global e plural, constituída por representantes dos povos e das classes sociais para pensar a situação da Terra mudada, não respeitando os obsoletos limites entre as nações.

Trata-se de salvar não este ou aquele país, mas a humanidade inteira. Realisticamente disse várias vezes o Papa Francisco: “desta vez não há uma arca de Noé que salva alguns e deixa perecer os demais: ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”.

Como se depreende, estamos diante de uma situação limite. A consciência desta urgência é muito fraca na maioria da população, entorpecida pela propaganda capitalista de um consumo sem freios e dos próprios estados, em grande parte controlados pelas classes dominantes. Estas só olham para um horizonte à frente, crédulas de um progresso ilimitado em direção ao futuro, sem tomar a sério que o planeta é limitado e

não aguenta e que precisamos de 1,7 planetas Terra para satisfazer seu consumo suntuoso.

Há uma saída para este acúmulo de crises, das quais nos restringimos a duas? Creio que nem o Papa nem o Dalai Lama, nenhum sábio privilegiado pode prever qual seja o nosso futuro. Se olharmos as maldades do mundo temos que dar razão a José Saramago que dizia: “Não sou pessimista; a situação é que é péssima”.

Lembro o encantador São Francisco de Assis que, encantado, via o lado luminoso da criação. Pedia, no entanto, a seus confrades: não considerem demasiadamente os males do mundo para não terem razões de reclamar de Deus.

De certa maneira todos somos um pouco Jó que reclamava, pacientemente, de todos os males que o afligiam. Nós também reclamamos porque não entendemos o porquê de tanta maldade e especialmente porque Deus se cala e permite que, muitas vezes, o mal triunfe como agora face ao genocídio de crianças inocentes na Faixa de Gaza. Por que não intervém para salvar seus filhos e filhas? Não é Ele “o apaixonante amante da vida” (Sabedoria 11,26)?

Atribui-se a Freud, que não se considerava um homem de fé, a seguinte frase: se aparecer diante de Deus, tenho mais perguntas a fazer a ele do que ele a mim, pois há tantas coisas que nunca entendi quando estava na Terra.

Nem a filosofia nem a teologia conseguiram até hoje oferecer uma resposta convincente ao problema do mal. No máximo é afirmar que Deus, ao aproximar-se de nós pela encarnação – não para divinizar o ser humano – mas para humanizar Deus –, foi dizer que esse Deus vai conosco para o exílio, assume a nossa dor e até o desespero na cruz. Isso é grandioso, mas não responde o porquê do mal.

Por que o Deus humanado teve que sofrer também ele, “embora fosse Filho de Deus, aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve” (Hebreus, 5,8). Essa proposta não faz desaparecer o

mal. Ele continua como um espinho na carne.

Talvez tenhamos que nos contentar com a afirmação de São Tomás de Aquino que escreveu, reconhecimento, um dos mais brilhantes tratados “Sobre o Mal” (De Malo). No fim ele se rende à impossibilidade da razão de dar conta do mal e conclui: “Deus é tão poderoso que pode tirar um bem do mal”. Isso é fé confiante, não razão raciocinante.

O que podemos dizer com certa certeza: se a humanidade, especialmente o sistema do capital com suas grandes corporações globalizadas, continuar com sua lógica de explorar até a exaustão os bens e serviços naturais em função de sua acumulação ilimitada, aí sim podemos dizer, na expressão de Sigmund Freud: “vamos engrossar o cortejo daqueles que estão rumando na direção de sua própria sepultura”.

Depois de termos cometido o pior crime já perpetrado na história: o assassinato judicial do Filho de Deus, pregando-o na cruz, nada mais é impossível. Como disse J. P. Sartre após a bomba sobre Hiroshima e Nagasaki: “o ser humano se apropriou da própria morte”. E Arnold Toynbee, o grande historiador, comentou: não precisamos mais que Deus intervenha para pôr fim à sua criação; coube a nossa geração assistir à possibilidade de sua própria destruição.

Pessimismo? Não. Realismo. Mas pertence também à nossa possibilidade de dar o salto da fé que se inscreve como uma possível emergência do processo cosmogênico: cremos que o verdadeiro senhor da história e de seu destino não é o ser humano, mas o Criador, que das ruínas e das cinzas pode criar um homem novo e uma mulher nova, um novo céu e uma nova Terra.

Lá a vida é eterna e reinará o amor, a festa, a alegria e a comunhão de todos com todos e com a Suprema Realidade. *Et tunc erit finis.*



Leonardo Boff – Escritor. escreveu: Cuidar da Terra-protetger a vida: como escapar do fim do mundo, Record, Rio de Janeiro, 2010; A nossa ressurreição na morte, Vozes 2012.



Foto: Divulgação/ Agência O Globo/

Foto: Divulgação/ José Pedro Monteiro / Agência O Dia

INÊS ETIENNE ROMEU: ÚNICA SOBREVIVENTE DA "CASA DA MORTE"

Mineira da cidadezinha de Pouso Alegre, Inês Etienne Romeu participou de grêmio estudantil, cursou História, trabalhou em banco e, em 1963, abriu um bar em Belo Horizonte, capital mineira, o "Bucheco", em homenagem a Ernesto Che Guevara.

Integrante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), um dos grupos armados que lutaram contra a ditadura militar, Inês Etienne participou, junto com o guerrilheiro Carlos Lamarca, do sequestro do embaixador

suíço Giovanni Bucher, em 07/12/1970. Depois da troca do embaixador pela liberação de 70 presos políticos, Inês decidiu abandonar a luta armada e exilar-se no Chile. Era tarde demais.

Em 05/05/1971, a guerrilheira foi capturada por agentes do delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979) em São Paulo, sob acusação de integrar o comando da VPR. Depois de ser levada para o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), onde sofreu as primeiras

sessões de tortura, foi transferida para a "Casa da Morte", em Petrópolis. Inês tinha apenas 29 anos.

A "Casa da Morte" era um aparelho clandestino montado pelo Centro de Informações do Exército (CIE), localizada no antigo número 668 da rua Arthur Barbosa, no bairro de Caxambu, em Petrópolis, para torturar e matar lideranças do movimento armado com papel de destaque em suas organizações clandestinas. Entre 8 e 11/08/1971, Inês foi tortura-



da e estuprada na "Casa da Morte". Segundo estimativas especiais, pelo menos 22 guerrilheiros/as foram assassinados/as no local. Inês Etienne Romeu foi a única que sobreviveu.

Última presa política a ser libertada no Brasil, em 29/09/1979 – não pela Anistia, mas sim em liberdade condicional –, Inês resolveu denunciar a existência da "Casa da Morte" de Petrópolis e identificou o ex-paraquedista Antônio Waneir Pinheiro Lima, o "Camarão", como o torturador que a estuprou por duas vezes durante os três meses em que ficou presa na "Casa da Morte", sem nunca entregar ninguém.

Por conta das denúncias de Inês Etienne, "Camarão" foi o único militar a responder por violência sexual na ditadura militar. Conseguiu tanta visibilidade que a ditadura se sentiu ameaçada e chegou a pensar em revogar a Lei da Anistia.

No cativeiro, Inês foi submetida a uma rotina de tortura física, como choques elétricos ou injeções de

pentatol sódico, o "soro da verdade", tortura psicológica, violência e humilhação. "Era obrigada a limpar a cozinha nua, ouvindo gracejos e obscenidades", contou em depoimento à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em 1979. "Um dos torturadores arrastou-me pelo chão, segurando pelos cabelos. Depois, tentou estrangular-me e só me largou quando perdi os sentidos. Esbofetearam-me e me deram pancadas na cabeça".

O sofrimento de Inês não terminou com a soltura da prisão, em 1979. Em 11/09/2003, sua diarista a encontrou, caída e ensanguentada, em seu apartamento no bairro da Consolação, em São Paulo. O traumatismo craniano a deixou com sequelas na fala e nos movimentos. O caso nunca foi elucidado. Na delegacia, foi registrado como "acidente doméstico".

Seis anos depois do misterioso "acidente doméstico", Inês recebeu, durante cerimônia em Brasília, em 2009, um prêmio de direitos hu-

manos, na categoria de Direito à Memória e à Verdade, das mãos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Minha querida Inês, só queria lhe dizer uma coisa: valeu a pena cada gesto que vocês fizeram, cada choque que vocês tomaram, cada apertão que vocês tiveram", declarou Lula. A cerimônia contou com um discurso emocionado de Dilma Rousseff, ex-companheira na VAR-Palmares e então ministra do governo.

Inês Etienne Romeu morreu na madrugada de 27 de abril de 2015, aos 72 anos, enquanto dormia em sua casa em Niterói, município vizinho ao Rio.

Atendendo a reiteradas demandas do movimento de direitos humanos, em janeiro de 2024, o município de Petrópolis, localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, protocolou ação de desapropriação da "Casa da Morte"

Fonte: Memorial da Democracia, com edições de Zezé Weiss.



Foto: Divulgação/ Comissão da Verdade



25^a

**Semana Nacional
em Defesa e Promoção
da Educação Pública**

DE 22 A 26 DE ABRIL DE 2024

**O PNE COMO POLÍTICA DE ESTADO E AS
URGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE ABRIL

O direito à educação de qualidade para todas/os/es (eixos 1 e 2 da CONAE)

Sugestões de atividades: organizar Mostra Escolar Cultural sobre as metas do atual PNE (Lei nº 13.005/2014) e os eixos temáticos da 4ª Conferência Nacional de Educação - CONAE. Panfletar no bairro e postar nas redes sociais a Carta em Defesa da Aprovação do PNE, durante a Semana de Educação.

TERÇA-FEIRA, 23 DE ABRIL

Gestão democrática, currículo emancipador e respeito às diversidades (eixos 3 e 4 da CONAE)

Sugestões de atividades e temas para debate: promover diálogos na escola sobre inclusão, respeito às diferenças étnico-raciais, religiosas, sexuais e de gênero, escolas cívico-militares, reforma do ensino médio, escola sem partido (mordança).

QUARTA-FEIRA, 24 DE ABRIL

Valorização das/os profissionais da educação: Formação, Piso, Carreira, Condições de Trabalho e Saúde das/os Profissionais da Educação (eixo 5 da CONAE).

Sugestões de atividades: debater as pautas de reivindicações da categoria das/os trabalhadoras/es em educação nas escolas, em assembleias dos sindicatos ou em audiências públicas com gestores públicos e parlamentos responsáveis pelas respectivas redes públicas de ensino (estadual, municipal e distrital); Criar o Dia “E” – “Dia da Educação nas escolas”: debater as pautas de reivindicações da categoria.

QUINTA-FEIRA, 25 DE ABRIL

Financiamento e controle social da escola pública. Mais verbas para a educação pública e fim da privatização do ensino (eixo 6 da CONAE).

Sugestões de atividades: abordar a temática em sala de aula e nas demais atividades de interação com os estudantes. Escrever cartas aos pré-candidatos a vereadoras/es e prefeitas/os com as principais reivindicações para alcançar uma escola de qualidade.

SEXTA-FEIRA, 26 DE ABRIL

Educação, meio ambiente e o enfrentamento das desigualdades e da pobreza no Brasil (eixo 7 da CONAE)

Sugestões de atividades: Organizar um abraço na escola para encerrar as atividades da Semana de Educação; Plantar mudas de árvores na escola, em seu entorno ou em áreas que precisem de reflorestamento na cidade (buscar parcerias com o MST e as Prefeituras); Promover campanha de arrecadação de roupas e agasalhos; Dar visibilidade para o cardápio da merenda escolar saudável com fotos e vídeos.

* Confira a programação local da 25ª Semana Nacional da Educação nos sindicatos de trabalhadores/as em educação e participe!





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

